



Centro Universitário de Brasília - CEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde -
FACES

Curso de Psicologia

BRUNA KREUTZ AMES

CORPO, MAL-ESTAR E PRÁTICAS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE

Brasília

2023

BRUNA KREUTZ AMES

CORPO, MAL-ESTAR E PRÁTICAS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (CEUB) como requisito básico à conclusão do curso de Psicologia.

Professor-orientador: Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas

Brasília

2023

BRUNA KREUTZ AMES

CORPO, MAL-ESTAR E PRÁTICAS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), do Centro Universitário de Brasília (CEUB) como requisito parcial para obtenção do título de psicólogo.

Professor-orientador: Juliano Moreira Lagoas

Brasília, 26 de junho de 2023.

Banca examinadora

Prof. Dr. Juliano Moreira Lagoas (CEUB) - Orientador

Me. Maria Ormy Moraes Madeira (UERJ)

Fernanda Guerra Roman Náufel do Amaral

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor Juliano Lagoas, pelas leituras cuidadosas, pelas orientações que se desdobravam em verdadeiras aulas, pelo apoio e presença ao longo dos últimos anos, assim como pela transmissão magnética da psicanálise. Meus mais sinceros agradecimentos.

À Maria Ormy, minha mentora, por me apresentar novas possibilidades e pelo estímulo incansável em direção àquilo que me movimenta.

À Fernanda Guerra, membro da banca examinadora, por se disponibilizar a contribuir com este debate.

Àqueles que toparam doar suas histórias para este estudo. Não teria sido possível de outra forma. Obrigada.

Ao meu pai, que além de apostar em mim e nas minhas escolhas sem titubear, ajudou a revisar cada vírgula deste trabalho. À minha mãe, que esteve comigo durante cada passo dessa jornada e que, de um modo ou de outro, transmitiu para mim o fascínio pelos estudos que me norteiam. À minha irmã, minha guia, minha parceira e referência, obrigada. Eu amo vocês.

Aos meus colegas, pelas risadas, pelos perrengues compartilhados, pelas construções, pela companhia e, principalmente, pela amizade. Obrigada por terem me apresentado um mundo inteiramente novo.

À todo o corpo docente da Psicologia do CEUB, por um ensino que em muito extrapola a teoria, tendo como pilar a sustentação de uma posição ética e política no exercício da nossa profissão. Em especial, agradeço à professora Tania Inessa, por liderar pelo exemplo no seu ensino, na sua escuta e na sua prática. Também ao professor Guilherme Henderson, por uma transmissão apaixonante da psicanálise. E ao professor Paulo Roberto Cavalcanti, por ter sido o primeiro a fomentar o meu interesse pela área acadêmica.

Por fim, à LK. Desde que você apareceu, têm sido mais leve sustentar o meu desejo.

RESUMO

Esta pesquisa, de metodologia qualitativa, teve como objetivo investigar os modos com que os sujeitos se relacionam com o corpo e com a alimentação na contemporaneidade, buscando compreender as respostas subjetivas que emergem frente ao mal-estar na cultura. De modo mais específico, tratou-se de identificar os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação, verificar os impactos desses discursos na relação dos sujeitos com suas imagens e práticas alimentares e, por fim, analisar o modo pelo qual se configuram as respostas dos sujeitos diante do mal-estar contemporâneo. Para isso, foi realizado um trabalho de mapeamento nas redes sociais, privilegiando conteúdos sobre o corpo e a alimentação, diante do qual foram selecionados três participantes para participação em entrevistas individuais semiestruturadas em torno das temáticas da pesquisa. Para analisar os discursos obtidos, foi utilizada a metodologia da análise de discurso, em conjunto com os preceitos da pesquisa psicanalítica, permitindo assim uma compreensão das produções discursivas dos participantes acerca dos temas investigados. A partir das análises realizadas, considerou-se que as práticas alimentares e corporais se inserem hoje numa moralidade dietética pautada nas regras normativas da boa saúde. É neste contexto que se infiltra o discurso da saúde, mediando a relação do sujeito com o corpo e com o alimento. Através de estratégias de gerenciamento do corpo, tendo como parâmetro a obrigação moral de empenhar-se para aniquilar qualquer ameaça à integridade da saúde, instaura-se uma fantasia relacionada às limitações corpóreas, na qual a certeza da finitude aparenta entrar em questão. Isto é, verifica-se que o paradigma da saúde perfeita pode apontar para uma tentativa de distanciamento psíquico do desamparo inerente à condição humana. Identificou-se, ainda, que a aparência do corpo parece ser tomada como uma vitrine do sujeito, capaz de exibir alguns dos maiores ideais da contemporaneidade, como a saúde, a juventude e a beleza. Nesse sentido, a concepção de saúde parece estar aprisionada à aparência de um corpo considerado belo. Diante desse cenário, enfatizamos a pertinência de uma investigação contínua acerca dos discursos que permeiam o campo da linguagem e que perpassam a experiência de sofrimento do sujeito, sem perder de vista o caráter radicalmente singular do mal-estar do sujeito.

Palavras-chave: corpo; alimentação; contemporaneidade; psicanálise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE O CORPO E A ALIMENTAÇÃO	11
2 A IMAGEM DO CORPO E A HISTÓRIA DAS PRÁTICAS ALIMENTARES	16
2.1 Uma breve retomada histórica	16
2.2 O papel do alimento e do corpo na constituição do sujeito	17
2.3 Os sintomas alimentares e algumas hipóteses psicanalíticas	20
2.4 A dimensão do desejo na recusa do alimento	25
3 O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO	27
3.1 Uma introdução ao mal-estar na cultura	27
3.2 Configurações do mal-estar na atualidade	29
MÉTODO	32
Procedimentos de coleta de dados	33
Procedimentos de análise	34
4 O DISCURSO DA SAÚDE COMO MEDIADOR DAS RELAÇÕES COM O CORPO E O ALIMENTO	36
4.1 A moralidade dietética contemporânea.....	36
4.2 O Super-Homem: a saúde atrelada à lógica da superação	43
4.3 Entre o ideal de beleza e o ideal de saúde: novas configurações	50
4.4 A busca adoecedora pela saúde: um caso de compulsão	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	62
ANEXOS	67

INTRODUÇÃO

Em uma de suas grandes obras, *O Mal-Estar na Cultura*, Freud (1930/2020) já demarcava o lugar central do corpo nas formas de expressão do mal-estar. Apesar do potencial do corpo em manifestar o sofrimento psíquico seja algo que acompanhe o sujeito no curso da história, estatísticas referentes aos problemas associados à alimentação e à imagem do corpo nas últimas décadas têm suscitado preocupações e novas indagações (OLIVEIRA e SANTOS, 2018; SADDI, 2020).

Um estudo realizado por Chesney et al. (2014) concluiu que, dentre todos os transtornos mentais, os alimentares apresentam o segundo maior índice de mortalidade. Este dado espanta considerando os dados coletados durante uma pesquisa longitudinal de 2009, na qual entre 496 meninas adolescentes acompanhadas por oito anos, 5.2% do total foram diagnosticadas com anorexia, bulimia ou com o transtorno da compulsão alimentar (STICE et al., 2009). Outro estudo concluiu que mais de metade de meninas, e um terço de meninos na adolescência, adotavam estratégias para controlar o peso corporal, como jejuns prolongados, vômitos auto-provocados e uso abusivo de laxantes (NEUMARK-SZTAINER, 2005). Entre as mulheres, nove em cada dez declararam que, caso sentissem incômodo com a sua imagem, evitariam se alimentar ou adotariam outros métodos de controle do corpo, ainda que estes colocassem em risco a sua própria saúde. Destaca-se, ainda, o aumento expressivo de hospitalizações em decorrência de transtornos alimentares em todas as faixas etárias, sobretudo em pessoas com idade entre 45 e 65 anos, faixa na qual as internações hospitalares aumentaram 88% em dez anos (STATISTICS, 2022).

Conforme sugerem as estatísticas mencionadas, assim como estudos de natureza qualitativa, é possível perceber uma relação entre as práticas alimentares e a preocupação com a imagem do corpo (PIMENTEL, 2013). Embora o foco atribuído à imagem e à alimentação não sejam características exclusivas da contemporaneidade, os discursos em torno dos quais essas experiências se estruturam parecem ter sofrido transformações em decorrência de fatores sociais, econômicos e religiosos.

Hoje, os discursos sobre o corpo, percebido como instância desvinculada do psiquismo, parecem ser geridos por mediadores que extrapolam o discurso médico e o saber especializado, que por muito tempo reinaram. O sujeito, inserido em uma

cultura de mentalidade da dieta e de culto ao corpo, é interpelado por narrativas oriundas das redes sociais, da ciência, da família, da indústria da beleza, entre outras (ORBACH, 1978; SADDI, 2020). Conforme assinala Saddi (2020, p. 218):

No que tange aos cuidados corporais, observamos uma progressiva semelhança entre o funcionamento do corpo e o da máquina. Contamos calorias, controlamos inputs e outputs, calculamos massa magra, gorda etc. Nos exercitamos sob a égide de parâmetros científicos para obtermos resultados.

Assim, é na atualidade que se apresenta uma passagem do corpo-ferramenta, substituído pela prevalência da maquinaria no processo industrial, para o corpo-consumidor. A beleza se torna um bem-supremo, e o corpo passa a ser percebido como grande objeto de investimento (BAUDRILLARD, 1970; FEITOSA FILHO, 2014). As tentativas de aproximação ao ideal magro, forte e saudável apontam para os ideais culturais transmitidos pelo Outro. Nesse contexto, a busca por estes ideais, envolvendo um superinvestimento na aparência, exibem uma percepção de eficácia do Eu obtida através da autodisciplina (FEITOSA FILHO, 2014). A partir do século XX, o aumento da visibilidade e da exposição aos corpos moldados de acordo com os padrões de beleza, em conjunto com a ampliação das possibilidades de intervenção sobre o organismo, caracterizam um momento marcado pelo *boom* na busca por cirurgias plásticas, harmonizações faciais, aplicativos de edição de imagens e filtros digitais (CODEÇO, 2021; DAVIES, 2018; FEITOSA FILHO, 2014).

Para além das intervenções diretas sobre o corpo, destacam-se também algumas modalidades de sofrimento psíquico, denominadas de transtornos alimentares, assim como o transtorno dismórfico corporal, os quais tendem a repercutir em mudanças concretas na forma corporal.

A partir da década de 90 foram ganhando destaque no meio social novas nomenclaturas buscando circunscrever formas de mal-estar relacionadas à alimentação e à imagem do corpo. Dentre elas, destacam-se a “ortorexia” e a “vigorexia”.¹ No que diz respeito à ortorexia, a própria etimologia já anuncia algumas de suas implicações; *orthos*, no grego, significa correto, e *rexís*, apetite. A nomenclatura foi originalmente sugerida em 1997, buscando agrupar os sintomas relacionados a uma fixação na saúde alimentar e na pureza da dieta (MARTINS et al, 2011). Já a vigorexia, descrita pela primeira vez em 1993, seria marcada por uma

¹ Vale apontar que essas nomenclaturas não são reconhecidas pelo DSM-V. Para uma discussão mais detalhada acerca do surgimento de novas terminologias para descrever o mal-estar com o corpo e com a alimentação, consultar Feitosa Filho (2014) e Martins et al (2011).

percepção distorcida da forma do corpo, especificamente em relação ao tônus muscular. A descrição desse quadro aponta para uma busca incessante pelo aumento da musculatura e da definição corporal, a partir da qual estratégias nocivas seriam empregadas almejando o alcance da estética desejada (FEITOSA FILHO, 2014). Tanto a ortorexia quanto a vigorexia seriam marcadas pelo sofrimento psíquico oriundo das práticas de intervenção no corpo e pelo prejuízo produzido nas diferentes esferas da vida do sujeito.

Na contemporaneidade, momento em que a aparência dos corpos é imbuída de significados relacionados à capacidade de gerenciamento do sujeito sobre si mesmo, evidenciam-se narrativas que aproximam o ideal de saúde ao aspecto de um corpo musculoso e desprovido de gordura. Nessa lógica, o sujeito saudável seria aquele que tem sua saúde estampada no nível da própria imagem, capaz de gerenciar a sua alimentação da mesma forma com que um empresário gerencia sua empresa (FEITOSA FILHO, 2014).

Nesse sentido, surge uma série de dispositivos imersos na indústria do bem-estar, a qual permanece fincada nos princípios que norteiam a cultura da dieta, principalmente no que diz respeito à estreita vinculação entre saúde e magreza (ALVES e LIEDKE, 2023; GORDON, 2020). Dentre estes dispositivos, encontram-se algumas modalidades de livros de auto-ajuda que prometem ao leitor técnicas para uma vida plena. Um exemplo pode ser observado na capa do livro *SuperLife*, de Darin Olien (2023), no qual são asseguradas “as 5 forças que o deixarão saudável, em forma e sentindo-se incrível para sempre”, assim como no livro *Você tem fome de quê?* de Deepak Chopra (2014), em que o autor garante “a solução definitiva para perder peso, ganhar confiança e viver com leveza”.

Percebe-se que as formas de experienciar o corpo e a alimentação se enlaçam aos discursos culturais, situados num tempo e espaço determinados (BIRMAN, 2012/2022; PIMENTEL, 2013). No entanto, há de se considerar que, sob a ótica da teoria psicanalítica, há uma constante. Isto é, há algo que se repete a despeito das variações culturais, apontando para um pano de fundo invariável que resiste às transformações no meio social. Os sintomas relacionados ao corpo persistem, apesar do contínuo desenvolvimento das tecnologias e modalidades voltadas a um aperfeiçoamento de sua aparência e funcionalidade. Ou seja, há algo da ordem do inconsciente que insiste em se manifestar sob a forma de um mal-estar corpóreo (FEITOSA FILHO, 2014).

Assim, alguns questionamentos se impõem. De que forma o surgimento de novas nomenclaturas, referentes ao sofrimento corporal, se relaciona ao mal-estar na cultura contemporânea? Como se dá a experiência dos sujeitos implicados nesses processos de sofrimento com a própria imagem? Quais são os discursos dominantes que perpassam a história do sujeito com o seu corpo? É em torno destas questões que se estrutura o trabalho aqui apresentado

Tendo como referência essas questões, a pesquisa tem como objetivo investigar os modos com que os sujeitos se relacionam com o corpo e com a alimentação na contemporaneidade, buscando compreender as respostas subjetivas que emergem frente ao mal-estar na cultura. De modo mais específico, trata-se de: (i) identificar os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação; (ii) verificar os impactos desses discursos na relação dos sujeitos com suas imagens e práticas alimentares; (iii) analisar o modo pelo qual se configuram as respostas dos sujeitos diante do mal-estar contemporâneo.

1 OS DISCURSOS HEGEMÔNICOS SOBRE O CORPO E A ALIMENTAÇÃO

Conforme sinaliza Soler (1989, p. 1), “o corpo está, por assim dizer, na moda”. Hoje, o foco atribuído ao corpo é atravessado por discursos relacionados ao imperativo da beleza (ALVES e LIEDKE, 2022). Aqui, entende-se discurso como prática que fundamenta as produções humanas, visto que se configura como mediação entre o sujeito e o Outro. Os variados discursos que perpassam a cultura podem ser compreendidos como objetos sócio-históricos, imbuídos de ideologias que se manifestam na língua. Por sua vez, as ideologias são constituintes do sujeito e estruturam as suas interpretações sobre o mundo (ORLANDI, 2001). Desse modo, traçar alguns dos discursos contemporâneos sobre o corpo e a alimentação implica considerar, também, as ideologias vigentes.

Feitas essas considerações, é possível observar que os discursos sobre as práticas corporais e alimentares são perpassados pela lógica neoliberal. No que diz respeito ao corpo, podemos resgatar expressões populares como *beauty is money* [beleza é dinheiro] e *pretty hurts* [a beleza dói]. O corpo se tornou uma vitrine, representante de capacidade, sucesso, dinheiro, beleza e desempenho. Com os seus limites borrados, o empuxo à transformação instigado pela lógica do mercado e pela sofisticação dos recursos de intervenção, o corpo se insere hoje na lógica do desempenho e da produtividade (ALVES e LIEDKE, 2022; HAN, 2015). Assim, a beleza emerge como uma questão de mérito.

Poderíamos, então, supor que o tão almejado corpo belo pode ser alcançado através do esforço, do autocontrole e da disciplina? O discurso neoliberal sobre a beleza afirma que, com persistência e dedicação ao controle das práticas alimentares e corporais, o sujeito poderá alcançar a estética do padrão de beleza vigente. Segundo essa lógica, a solução para o corpo faltoso parece estar sempre na próxima intervenção: a nova dieta, a harmonização facial, a cinta modeladora, a roupa da moda, a prática física do momento, etc. A busca implacável pela boa aparência física coexiste com a monetização dos padrões de beleza, padrões estes que se alteram de forma contínua (ALVES e LIEDKE, 2022).

Enquanto o significante “padrão” é comumente associado àquilo que se repete, com uma conotação de ordinário, tem sido também utilizado como sinônimo de belo na expressão “padrão de beleza”. Isto é, aquele que se enquadra no padrão é considerado atraente. Nesse cenário de fabricação de corpos em série, uniformizados

visualmente, salienta-se a importância do resgate de uma singularidade que possa sustentar os conflitos que envolvem o reconhecimento de um corpo furado e finito. Alves e Liedke (2022) discutem que a beleza parece ter se deslocado do campo subjetivo para o objetivo, podendo hoje ser mensurada e hierarquizada. Aquele que não corresponde à padronização da imagem objetivamente idealizada parece correr o risco de perder a sua relevância no mercado, conforme institui a lógica do desempenho (ALVES e LIEDKE, 2022; HAN, 2015).

Indagamos, nesse sentido, quais seriam os impactos psíquicos de tamanha demanda de correspondência a um padrão altamente idealizado. Conforme afirmado por Freud (1923/2011, p. 24): “O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície”. Ou seja, não se trata de ter, e sim de ser um corpo, corpo este que recebe contornos simbólicos (PIMENTEL, 2022). Na atualidade, em que o corpo tem se tornado alvo de constante escrutínio na tentativa de aplacar uma angústia, parece se anunciar um processo de alienação do sujeito em relação a si mesmo. O corpo é percebido como instância externa ao próprio Eu, e o saber sobre ele é outorgado aos discursos dominantes (ALVES e LIEDKE, 2022; FEITOSA FILHO, 2014; SADDI, 2020).

Nesse sentido, os saberes que se disseminam sobre os cuidados com o corpo são os mais variados e seguem a lógica do mercado. Conforme desenvolvido por Seixas et al (2020), a nutrição hoje é marcada por discursos e técnicas que se propõem libertadoras, mas que acabam por refletir num aprisionamento velado pela ideologia neoliberal. De modo mais específico, os autores discorrem sobre as crescentes técnicas comportamentais que têm se popularizado no campo da nutrição, e que prometem êxito na busca por uma saúde plena:

Certamente a lógica comportamental que circula no campo da Alimentação e Nutrição promete uma liberdade para aquele que se livra dos problemas relacionados à alimentação, à tortura das dietas e do desconforto com o corpo, mas o que ela entrega é, na verdade, uma outra prisão. A lógica do controle extremo não favorece a emergência da liberdade. Pelo contrário. A estratégia de responsabilização do indivíduo por si mesmo obriga cada um a responder por seu comportamento a partir de padronizações que são externas ao sujeito (SEIXAS et al, 2020, p. 15).

Os autores argumentam que as padronizações citadas tomam forma em técnicas como o *Mindfulness*, práticas como o Comer Intuitivo, além de uma variedade de tendências alimentares que se transformam ao longo do tempo, como o atual *clean eating* [“comer limpo”] (HARRISON, 2019; SEIXAS et al., 2020). É precisamente na difusão de discursos que fundamentam estas práticas, alegando

uma preocupação com a saúde do sujeito, que se infiltra uma alusão à possibilidade de completude, à possibilidade de um corpo plenamente saudável e protegido da sensação de ameaça. Em termos psicanalíticos, a ideia de uma possibilidade de completude é dada pelas fantasias, constituintes da realidade psíquica (JORGE, 2020). Elas atuam de forma estruturante como uma espécie de filtro, mediando a relação do sujeito com o mundo que o circunda. É a partir da construção das fantasias, inteiramente singulares, que se desdobrará um modo de organização indicativo de como o sujeito irá se localizar frente àquilo que lhe falta (SIMÕES, 2014).

Em contraste com os ideais escancaradamente gordofóbicos da cultura da dieta, definida por Gordon (2020) como um sistema de crenças e práticas que enaltecem o corpo magro, associando-o diretamente à saúde e à virtude, o alojamento da saúde física como ideal supremo difunde a ideia de que o objetivo final não seria um corpo com aparência compatível aos ideais estéticos, e sim um estado de saúde inteiramente preservado. Atualmente, argumenta-se que a cultura da dieta estaria sendo substituída por uma lógica pertencente à indústria do bem-estar, uma indústria que, dia após dia, revela novas ameaças à saúde corpórea, e, prontamente, oferece soluções (ALVES e LIEDKE, 2023; GORDON, 2020).²

Nessa lógica, encontramos uma infinidade de práticas e produtos que prometem o melhor tratamento para o corpo, que está sempre em dívida. Conforme descrevem Alves e Liedke (2023), paira no ar a sensação de que o corpo está constantemente transbordando toxinas, as quais devem ser purgadas por meio de rituais de desintoxicação. Diante dos venenos e sujeiras que contaminam o mundo externo, um “detox” garantiria a purificação do corpo, seja esta por meio de um suco detox, um retiro detox, uma massagem detox, dentre várias outras modalidades supostamente purificantes ofertadas pela indústria do bem-estar (ALVES e LIEDKE, 2023).

Assim, a saúde é apresentada hoje como ideal supremo, e o corpo assume o registro privilegiado nas descrições sobre o mal-estar.³ De acordo com Birman

² Embora uma discussão aprofundada acerca das continuidades e discontinuidades entre a cultura da dieta e a indústria do bem-estar fuja do escopo deste trabalho, vale ressaltar que a indústria do bem-estar permanece fincada nos princípios que norteiam a cultura da dieta, sobretudo no que diz respeito à estreita vinculação entre saúde e magreza (GORDON, 2020).

³ Birman (2012/2022) destaca que são três os registros psíquicos que assumem maior pregnância na atualidade: o do corpo, da ação e o da intensidade. Estes podem se anunciar de forma combinada ou independente nas descrições sobre o mal-estar. No entanto, é mais comum que estes registros se

(2012/2022), dizer que o corpo se instala hoje como um dos registros psíquicos privilegiados na classificação e hierarquização do mal-estar implica dizer que é ele que orienta de modo mais patente as descrições sobre o sofrimento psíquico. É a partir dessas descrições que, então, se particularizam uma multiplicidade de narrativas clínicas.

A saúde como ideal supremo é a marca de um processo avançado de medicalização do Ocidente que teve seu início no século XIX. Ocupando um lugar simbólico previamente dominado por um ideal de salvação, a saúde como ideário abriu espaço para a instituição da clínica e da medicina social. Com isso, consolidaram-se as categorias do 'normal', do 'anormal' e do 'patológico', as quais orientaram os discursos médicos e as políticas públicas, as quais, por sua vez, pretendiam uma normatização da população. Assim, a saúde, atrelada à noção de qualidade de vida, começou a apresentar enorme relevância social, visto que passou a ser signo central da riqueza de uma nação (BIRMAN, 2012/2022). Foi nesse mesmo período que a associação entre um corpo forte e um corpo saudável passou, também, a desempenhar um papel expressivo na compreensão do que constituiria um sujeito saudável (FEITOSA FILHO, 2014). Ou seja, discorrer acerca das práticas corporais que assumem uma posição cada vez mais acentuada no imaginário social implica, necessariamente, considerar como ponto de partida o processo de medicalização iniciado há mais de duzentos anos.

Atrelado ao ideal de saúde, destaca-se a pregnância de uma sensação de risco, que estaria presente de modo marcante nas subjetividades atuais. A partir dessa sensação, o envelhecimento se apresentaria como uma doença passível de tratamento, e a morte como uma experiência que deveria "ser sempre exorcizada" (BIRMAN, 2012/2022, p. 76). No entanto, a morte é a única certeza com a qual o sujeito necessariamente irá se deparar. Desde o seu nascimento, o sujeito experimenta a passagem incessante do tempo, cuja principal marca é a impermanência. Frente ao fluir do tempo, a impotência do sujeito é deflagrada (ROCHA, 1999). Assim, os infindáveis tratamentos que visam "curar" o

apresentem conjuntamente, com um assumindo uma posição de maior destaque em relação aos demais.

envelhecimento parecem apontar para uma busca desesperada por uma maneira de encobrir o inevitável - a própria finitude.⁴

Assim, observa-se uma relação íntima entre o ideal de saúde, o ideal da juventude e o ideal estético da beleza - ideais estes que podem indicar mecanismos discursivos que velam o desamparo atrelado à uma verdade existencial. Ademais, se há uma convicção cultural de que ser saudável corresponde à juventude, - e a juventude é vinculada à beleza - um estado de saúde só seria atingido a partir de uma correspondência aos padrões de beleza vigentes. Ora, estariam então as subjetividades contemporâneas se ocupando de uma busca pela saúde plena condicionada a um corpo belo? É assim, em nome da saúde, da longevidade e da beleza, que as academias de ginástica transformaram-se em verdadeiros templos da salvação, apoderando-se das cidades, onde “as gorduras são queimadas e os perigos mortais do colesterol, exorcizados” (BIRMAN, 2012/2022, p. 77).

A promessa de completude, como recompensa aos investimentos feitos nas práticas relacionadas ao corpo, está sempre na próxima intervenção. No entanto, a perfeição, a completude e a saúde absoluta nunca chegam. Assim, argumenta-se que:

A restituição da possibilidade de criar regras para si que comportem alguma liberdade ou alguma separação em relação à sujeição neoliberal passa necessariamente por certa negligência, onde se pode desejar algo que não seja mais além do máximo (SEIXAS et al, 2020, p. 16).

Ou seja, uma apropriação das práticas alimentares e corporais que leve em consideração a singularidade do sujeito parece indicar a necessidade de algum nível de descolamento dos imperativos neoliberais, os quais, conforme vimos, são constituintes das subjetividades contemporâneas no mundo ocidental. Se a relação com o corpo e a alimentação hoje é mediada pelos princípios que regem o modelo socioeconômico, quais teriam sido as influências nessa relação em outros momentos da história?

⁴ Para uma discussão aprofundada acerca da relação entre a experiência do desamparo e a certeza da finitude, ver Rocha (1999).

2 A IMAGEM DO CORPO E A HISTÓRIA DAS PRÁTICAS ALIMENTARES

2.1 Uma breve retomada histórica

Na Antiguidade Clássica, os cuidados com o corpo e com a alimentação refletiam a forma muito específica e singular dos indivíduos em conduzir a própria existência, numa espécie de arte de viver. A relação com o corpo e com o comer contemplava as especificidades contextuais, como o temperamento do sujeito, a estação do ano, as características do corpo, entre outras (SADDI, 2020). Conforme apresentado por Foucault (1984/2006, p. 98), Sócrates, reconhecido como “o pai da filosofia”, teria pontuado qualidades importantes do homem virtuoso, como o saber individual referente aos cuidados com a própria saúde:

Que cada um se observe a si próprio e anote que comida, que bebida, que exercício lhe convêm e de que maneira usá-los a fim de conservar a mais perfeita saúde. Se vos observardes desse modo, diz Sócrates a seus discípulos, dificilmente encontrareis um médico que possa discernir melhor que vós próprios o que é favorável a vossa saúde.

Destaca-se aqui o foco atribuído ao saber do sujeito sobre o seu corpo na Antiguidade Clássica. Ao longo da história, o conhecimento sobre a própria experiência corporal aparenta ter sido progressivamente desvalorizado. Este saber, ao invés de privilegiar a auto-percepção, passa a ser concedido a reguladores externos. Desse modo, a depender do paradigma vigente, envolvendo fatores sociais, políticos, simbólicos, econômicos e religiosos, o discurso que legisla o conhecimento sobre o corpo é pouco a pouco transformado (BIRMAN, 2004; SADDI, 2020). É neste sentido que Birman (2012/2022) afirma que o sujeito, assim como o seu mal-estar, é histórico.

O cristianismo, por exemplo, inaugura uma forma mais prescritiva e normatizada de relação com o corpo através de um sistema binário, marcado por oposições. Assim, são delimitados os momentos e as formas consideradas certas ou erradas, permitidas ou proibidas, para determinadas atividades como o ato sexual e os cuidados com o corpo (SADDI, 2020). Os comandos prescritos teriam caráter universal, sem levar em consideração as variações ou as singularidades apresentadas. Dessa forma, a moral cristã é marcada por exigências rigorosas no que diz respeito ao terreno do prazer e das práticas sexuais, imbuindo essas experiências de proibições, regras e punições e introduzindo uma desvalorização moral das

práticas do prazer. Assim, inaugura-se a “moral sexual”, paradigma moderno fundamentado pela tradição cristã, que trouxe consigo uma série de aparelhos reguladores como a Igreja, a família, a escola, entre outros (LAGOAS, 2013).

Saddi (2020), fazendo referência ao artigo “Creme e castigo”, de Herrmann e Minerbo (1998), aponta para uma transição da moral da sexualidade para uma moral dietética, na qual os complexos morais teriam se deslocado da cama para a cozinha. A psicanalista constata que as normas ligadas ao discurso religioso sobre a sexualidade teriam se mantido, mas teriam se transferido para um novo campo - o da alimentação. Assim, enquanto na moral cristã a transgressão se manifestaria sobretudo no campo da sexualidade, hoje a transgressão teria passado a se expressar nas práticas alimentares e nos efeitos delas sobre o corpo (SADDI, 2020). O prazer do alimento, a escolha por comidas palatáveis em detrimento da qualidade nutricional, assim como o corpo gordo e sedentário, parecem se caracterizar hoje como transgressões morais (HARRISON, 2019).

2.2 O papel do alimento e do corpo na constituição do sujeito

À medida que o panorama cultural se transforma, as práticas de cuidado com o corpo e a alimentação passam a adquirir diferentes significados. Os estudos em psicanálise apontam para algumas experiências constitutivas dos seres de linguagem que recebem diferentes contornos a depender do cenário simbólico envolvido (BIRMAN, 2020). Para possibilitar a investigação sobre as modalidades de sofrimento psíquico relacionadas ao corpo e às práticas alimentares, será realizada uma retomada teórica sobre o papel do alimento e do corpo na constituição do sujeito, tal como compreende a teoria psicanalítica. Para uma compreensão ampla propõe-se retroagir essa reflexão ao momento do nascimento de um ser - a entrada do bebê no universo simbólico.

É relevante ressaltar a primeira experiência alimentar do bebê, a amamentação. Esse ato é perpassado por processos que excedem a mera satisfação da fome. O ato inaugural da amamentação pode ser caracterizado como o primeiro contato do bebê com a experiência do prazer, visto que é no contato com o leite materno que, para além de uma satisfação fisiológica, comparecerá uma satisfação de ordem pulsional. O contato com o seio materno, o movimento de sugar, o olhar e o calor da mãe são exemplos que permitem vislumbrar que o momento de

amamentação é marcado por algo que transcende uma necessidade biológica e instintual. Aqui, compreende-se que a estimulação da região oral abre espaço para uma série de outras satisfações que serão experimentadas pelo bebê (AMARAL, 2022; FREUD, 1905/2019; PIMENTEL, 2022).

Visto que esse momento é atravessado por dinâmicas afetivas que parecem ser tão centrais quanto a saciação fisiológica, entende-se que há “um espaço simbólico privilegiado na alimentação desde os primórdios da vida do sujeito, que existe para além da dimensão de pura manutenção da necessidade biológica da fome” (AMARAL, 2022, p. 18). Nesse primeiro acesso ao alimento, se presentifica um Outro primordial, sem o qual o bebê é incapaz de sobreviver. É nessa dependência absoluta que se revela a origem do desamparo, condição constituinte da subjetividade, em que há uma total sujeição ao Outro, que poderá ou não fornecer os recursos necessários para assegurar a manutenção da vida (ROCHA, 1999).

Por essa linha de raciocínio entende-se que não há sujeito sem um Outro que irá nomear, cuidar, olhar e oferecer significantes ao bebê. É a partir da entrada do recém-nascido no mundo da linguagem que uma dinâmica pulsional será trilhada, determinando os modos de satisfação conseguintes e coincidindo com o advento do sujeito (PIMENTEL, 2022).

Esse processo de constituição não se dá sem suas especificidades, as quais culminam na singularidade do sujeito e na eventual formação de seus sintomas, revelando a sua verdade (BEER, 2017). A falta de domínio da linguagem por parte do recém nascido implica que suas demandas precisarão ser decifradas pelo cuidador; o nascimento da criança, em estado de absoluta dependência, implica que os seus choros, gritos e demais manifestações sejam interpretados por aqueles que o cercam. Ao buscar compreender, nomear e sanar as necessidades que pelo neo nascido passam a ser expressas, serão introduzidos os objetos capazes de apaziguá-lo, assim como os significantes que eventualmente permitirão a formulação de suas demandas (AMARAL, 2022).

Ainda, são nesses encontros primordiais com o Outro que se estabelecerá uma falta estrutural, fruto da entrada na linguagem. Ao adentrar no mundo simbólico, o bebê se encontra diante do enigma do desejo do Outro. Visto que sua sobrevivência depende inteiramente de um desejo exterior a ele surge uma sensação de ameaça

frente a qual o pequeno é incapaz de se proteger.⁵ Assim, adentrando num mundo simbólico ainda inteiramente enigmático, ele se depara com uma falta-a-ser que constituirá o cerne de sua subjetividade. Essa falta, constitutiva e estruturante, se revelará com a capacidade de simbolização posteriormente desenvolvida, visto que a linguagem é incapaz de revestir integralmente a verdade do sujeito (AMARAL, 2022; ROCHA, 1999).

Outra experiência fundamental para pensar a constituição psíquica é o momento em que o bebê se reconhece, pela primeira vez, frente ao espelho. O estágio do espelho, conforme descrito por Lacan, lança luz sobre o papel do Outro na constituição da imagem do corpo, num processo estreitamente vinculado à constituição psíquica do sujeito (PIMENTEL, 2022).

Lacan descreve que, aproximadamente entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida, a criança passa por um momento estruturante em que reconhece o seu reflexo e, assim, antecipa o domínio sobre o próprio corpo por meio da identificação com a sua imagem. Enquanto em um primeiro momento a criança se percebe de forma fragmentada, experimentando um conglomerado de sensações e excitações parciais, ela passa a reconhecer que possui um corpo unificado quando identifica sua própria imagem no espelho (PIMENTEL, 2022).

Nesse processo, destaca-se novamente o uso da linguagem, o qual marca definitivamente a constituição psíquica. De modo mais específico, para que o Eu do bebê possa se constituir, é necessário que haja um terceiro para além da criança e de seu reflexo, que nomeie e apresente o bebê a si mesmo, introduzindo-o no universo dos significantes. É a presença de um ser falante, portanto, que poderá oferecer ao bebê a possibilidade de um reconhecimento próprio. Assim, compreende-se que esse momento decisivo para a gênese da subjetividade permite vislumbrar os primórdios da relação do sujeito com o seu corpo (PIMENTEL, 2022).

Diante do exposto, evidencia-se que o reconhecimento do próprio corpo é radicalmente atravessado pelo discurso do Outro. A identificação com o reflexo no espelho só é possibilitada pela presença de um terceiro. Ou seja, o que se vê no espelho não é uma cópia da realidade material do corpo, e sim uma imagem contornada pela linguagem. Nesse sentido, Nasio (2009, p. 54) aponta que:

⁵ Do ponto de vista do bebê, ele e a mãe são uma única e mesma coisa. O outro ainda não é percebido como sendo exterior ao recém-nascido.

Não somos nosso corpo em carne e osso, somos o que sentimos e vemos de nosso corpo: sou o corpo que sinto e o corpo que vejo. Nosso eu é a ideia íntima que forjamos de nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, representação mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho.

Assim, entende-se que a relação do sujeito com o seu corpo sofre influência de fatores constitutivos e imersos no cenário cultural. Esta é uma relação dinâmica, que envolve diferentes experiências, inclusive as de sofrimento. Conforme explorado no Capítulo 1, "Os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação", o contexto social contemporâneo faz do corpo um alvo de constante preocupação, instigando a insatisfação corpórea de modo a azeitar a engrenagem neoliberal. Assim, não é de se estranhar que o corpo tenha ocupado lugar de destaque nas queixas atuais de sofrimento (BIRMAN, 2004).

2.3 Os sintomas alimentares e algumas hipóteses psicanalíticas

No que diz respeito ao mal-estar expresso através da relação com o corpo e com a alimentação, vale ressaltar algumas das categorias psicopatológicas mais referidas no coletivo da sociedade: a anorexia nervosa, a bulimia nervosa e a compulsão alimentar. Embora algumas características as distingam, as três implicam uma perturbação persistente nas práticas alimentares que comprometem a saúde e/ou o funcionamento psicossocial. Destaca-se também o transtorno dismórfico corporal, o qual não é classificado como transtorno alimentar mas está implicado nas formas de mal-estar do sujeito em sua relação com o corpo (APA, 2014; PIMENTEL, 2022).

Para além dos transtornos usualmente associados ao sofrimento corporal, vale mencionar o surgimento de novas nomenclaturas referentes a esse mal-estar que tem circulado na sociedade, como a ortorexia e a vigorexia. Ainda que essas terminologias não sejam reconhecidas pelo DSM-V, elas têm se popularizado para a nomeação de algumas especificidades da relação do sujeito com o corpo e a comida.

A ortorexia foi originalmente detalhada pelo médico norte-americano Steven Bratman em 1997, buscando agrupar os sintomas relacionados a uma fixação na saúde alimentar e na pureza da dieta. Dentre suas características, evidenciam-se aspectos como a evitação extrema de corantes, aromatizantes, conservantes, etc., nos alimentos, o aumento de tempo e esforço despendidos no planejamento e na

preparação da comida que será consumida, um distanciamento radical em relação aos hábitos alimentares prévios e daqueles que o rodeiam, assim como uma convicção de que essas práticas resultarão num corpo mais saudável e uma melhor qualidade de vida (MARTINS et al., 2011).

Já a vigorexia, descrita pela primeira vez em 1993 pelo psiquiatra Harrison G. Pope Junior, seria marcada por uma percepção distorcida do corpo, sobretudo em relação ao nível do tônus muscular. Nesse quadro, se faz presente uma busca constante pelo aumento da musculatura e da definição corporal, sem consideração pelo prejuízo acarretado em decorrência das estratégias nocivas adotadas. Algumas dessas estratégias incluem a prática excessiva de exercícios físicos, dietas específicas visando o aumento da massa muscular, a suplementação exacerbada e o uso de esteróides e anabolizantes (FEITOSA FILHO, 2014).

O agrupamento de sintomas visando nomear diferentes formas de mal-estar, conforme é feito no DSM-V, privilegia o que há de comum entre os sujeitos na manifestação do sofrimento psíquico. De forma contrária, a clínica psicanalítica visa uma escuta do que há de mais singular expresso através do sintoma. Isto é, embora a forma do sintoma - como no caso de uma recusa alimentar - possa se assemelhar entre os sujeitos com um diagnóstico psiquiátrico de anorexia nervosa, as origens, os significados, as funções e os desdobramentos desse sofrimento se distinguem radicalmente entre os sujeitos, visto que o sintoma revela aquilo que há de mais singular (PIMENTEL, 2022).

Longe de ser considerado um mal a ser erradicado, a psicanálise concebe o sintoma como a manifestação de uma solução para algum impasse psíquico inconsciente. Assim, ele se configura como uma resposta ao mal-estar oriundo da história do sujeito, no sentido de uma resposta endereçada ao Outro. Dessa forma, a clínica psicanalítica trabalha com a singularidade do sujeito do inconsciente e com os sintomas que revelam uma construção única (FEITOSA FILHO, 2014; PIMENTEL, 2022).

Mantendo a consideração pelo caráter singular do sofrimento como principal eixo da escuta analítica, estudiosos têm se debruçado sobre a questão do mal-estar do sujeito que se expressa através da relação com a comida e com a própria imagem. Assim, têm sido formuladas algumas hipóteses psicanalíticas relacionadas ao desencadeamento e a manutenção dos sintomas alimentares. No cerne destas investigações, alguns questionamentos se mostram relevantes. O que, do

funcionamento psíquico do sujeito, pode estar implicando numa relação tão conturbada com o alimento? E quais as dinâmicas subjetivas que podem manter um sujeito nesse sofrimento às custas de sua própria vida?

Trata-se, sobretudo, de conceber o sintoma alimentar, seja sob a forma de uma recusa ou de um excesso, como uma modalidade de resposta endereçada ao Outro. De antemão, evidencia-se uma indissociabilidade do sintoma das tramas psíquicas que remete aos primórdios da constituição subjetiva (FORTES, 2011; GASPAR, 2005; PIMENTEL, 2022).

No caso dos sintomas que se expressam por uma recusa do alimento, como na anorexia ou na bulimia, estima-se que a negação do alimento se configure como uma manobra de separação. Considerar a recusa alimentar como uma tentativa de separação psíquica de um outro, percebido como invasivo, demanda uma breve retomada do conceito de desamparo em sua dimensão constituinte da subjetividade, visto que é esta experiência que marca a entrada do sujeito no mundo (ROCHA, 1999).

O desamparo pode ser compreendido por duas vias, as quais ocorrem de modo simultâneo e articulado: uma via biológica, e uma via relacionada ao desejo do Outro. A dimensão biológica remete a um estado de completa dependência física de um recém-nascido em relação a seu cuidador, pois ele é inteiramente desprovido de qualquer capacidade necessária para a manutenção da própria vida. Já a dimensão relacionada ao desejo do Outro se refere à incapacidade de simbolização, por parte do bebê, frente a um desejo externo e desconhecido. Desejo este que pode ou não englobar um investimento libidinal direcionado ao bebê. Conforme mencionado na descrição sobre a constituição psíquica do bebê a partir da relação com o Outro, as necessidades do pequeno precisarão ser interpretadas, nomeadas e sanadas por este outro que detém um desejo indecifrável. Ou seja, o bebê se encontra diante de um enigma que determina a probabilidade de sua própria sobrevivência, e, portanto, diante de uma sensação de ameaça que o invade (ROCHA, 1999).

É em função do desamparo primordial que se estabelecerá uma relação simbiótica entre a mãe e o recém-nascido, a qual permite com que o bebê possa se sentir seguro e sobreviver em um universo ainda demasiadamente enigmático. A criança e o outro materno são percebidos, pela criança, como um só. Essa experiência constitutiva supõe uma alienação do bebê ao desejo da mãe - o bebê responde a este apelo que lhe é endereçado, e a mãe se deixa, também, ser

completada pelo bebê (FORTES, 2011; GASPAR, 2005; PIMENTEL, 2022). Esse momento de indiferenciação mãe-bebê é fundamental para a constituição psíquica do neo-nascido, mas essa indiscriminação precisará se afrouxar para que o sujeito não permaneça em estado de alienação. É necessário, para que haja investimento no mundo externo, que ocorra um processo de separação.

No cenário de uma recusa radical do alimento, como na anorexia, parece se fazer presente um impasse marcante no processo de separação mãe-bebê. Nesses casos, pode-se considerar uma relação marcada “tanto por um excesso quanto pela falta de cuidados, os quais, por sua vez, não se restringem apenas aos cuidados básicos para a sobrevivência do bebê, e sim à possibilidade concomitante de investimento narcisicamente” (GASPAR, 2005, p. 635). O que está em jogo é uma dificuldade do outro materno de investir libidinalmente o bebê como alguém separado dele, minando qualquer espaço próprio do bebê para a sua efetiva constituição. Gaspar (2005) destaca que o bebê, em sua experiência originária de desamparo, é invadido pela realidade psíquica do outro. No caso das anorexias, a autora considera que em decorrência de um excesso pulsional oriundo deste outro, excesso não-passível de ser traduzido ou recalçado pelo bebê, se instalaria um obstáculo à efetiva organização psíquica do neo-nascido.

No processo de separação, é esperada a entrada da figura paterna, a qual serve como uma barreira para a relação indiscriminada entre a mãe e o bebê. Para que o bebê possa continuar se constituindo como um ser separado da mãe, deve ser instaurado um limite nessa relação primária. Ora, a figura paterna, ocupando um lugar no desejo da mãe, entra exatamente para instaurar este limite, indicando lugar da criança na estrutura familiar. Dessa forma, a figura paterna evidencia que o bebê não é o único objeto do desejo da mãe, introduzindo assim uma falta. A partir da entrada desta figura, a relação mãe-bebê previamente percebida como absoluta, plena e “perfeita”, passa a ser marcada por uma interdição. É esta interdição que permite a discriminação entre a mãe e o bebê, criando condições para o processo de separação (GASPAR, 2005; PIMENTEL, 2022).

No entanto, em casos como os de anorexia, estaria presente uma falência da figura paterna; este outro paterno falharia em ocupar um lugar marcante no desejo da mãe, entavando uma efetiva interdição da relação simbiótica mãe-bebê. Assim, o processo de separação dessa relação primária não seria efetivamente promovido. Gaspar (2005, p. 637) aponta que:

O que ocorre com as jovens anoréxicas é que elas não se deparam com esta falta, uma vez que a relação primária com a mãe não é interdita de forma satisfatória pela figura paterna. Neste sentido, a anoréxica recusa algo que é fundamental: a falta, “a ela nada falta” (Bidaud, 1998, p. 75).

Se “a ela nada falta” (BIDAUD, 1998, p. 75), será ela mesma que irá concretizar forçosamente uma falta, como uma forma de compensação pela falta do outro, pois é a ausência de uma falta que possibilita a emergência da angústia. A partir da recusa do alimento, recusa-se na verdade a presença maciça do outro materno, invertendo a onipotência atribuída à mãe; a recusa do alimento revela categoricamente a impotência da mãe frente à ação da criança de “comer nada”. Trata-se justamente de perceber o caráter ativo do sujeito ao negar o alimento (PENA e CALAZANS, 2016). Na recusa alimentar, há uma tentativa de barrar a devoração materna, permitindo alguma brecha para que o sujeito possa se constituir desalienado ao desejo da mãe. O sujeito anoréxico se empenha para imputar uma falta ao Outro, recusando a “papinha sufocante” (LACAN, 1958/1998, p. 634) ofertada pela figura materna sob a forma de um excesso: “Assim, o sujeito apela ao seu próprio corpo, na tentativa de lidar com aquilo que é da ordem do insuportável: a anoréxica fecha a boca como um protesto a este outro invasor, transgressor de limites” (GASPAR, 2005, p. 639).

No entanto, esta é uma manobra arriscada, pois a recusa radical do alimento suscita consequências com potencial aniquilador, revelando a dimensão da pulsão de morte inerente a essa recusa (PENA e CALAZANS, 2016; PIMENTEL, 2022). A pulsão é uma exigência de trabalho oriunda do corpo feita ao psíquico. Buscando reduzir a tensão proveniente de sua circulação pelo corpo, ela opera elegendo um objeto que a satisfaça, visando uma satisfação completa. Mas apesar dessa exigência, a satisfação da pulsão é sempre parcial, pois não existe um objeto único capaz de satisfazê-la - este será sempre o mais variável (FREUD, 1915/2020; MADEIRA, 2023; PIMENTEL, 2022). No caso da recusa do alimento, observa-se o predomínio de um funcionamento pulsional imbuído de um traço mortífero, visto que a pulsão visa uma redução completa das tensões através do sintoma, tendendo ao ao repouso absoluto. É o mecanismo da pulsão de morte em ação, conduzindo o sujeito ao estado anorgânico, onde se encontraria uma completa homeostase. Com o domínio do caráter destrutivo da pulsão, seria então erradicada qualquer tensão e, conseqüentemente, a vida.

2.4 A dimensão do desejo na recusa do alimento

Associado aos processos constitutivos de alienação e separação, o sintoma alimentar também pode ser investigado pela via do desejo (FORTES, 2011; PENA e CALAZANS 2016). Fortes (2011) apresenta duas formas pelas quais a recusa do alimento pode se sustentar: como uma tentativa de afirmação do próprio desejo, ou como sua completa aniquilação.

No que diz respeito à tentativa de afirmação do próprio desejo, evidencia-se uma busca do sujeito por alguma afirmação de si mesmo: “O ato que diz “Eu não quero comida” subentende o “Eu quero” do desejo que busca um caminho para se fazer surgir [...]” (FORTES, 2011, p. 87). Fazendo menção à um artigo redigido por Mannoni em 1970, Fortes (2011) destaca que, a partir da compreensão do sintoma anoréxico como uma maneira de salvaguardar o próprio desejo, a anorexia seria a única forma encontrada pelo sujeito para emergir enquanto ser desejante, fora do desejo materno. Por outro lado, a tentativa de domínio do objeto da necessidade e a radical negação do alimento, como uma defesa frente ao querer tão impositivo do Outro, também aponta para um obstáculo à ordem do desejo, mortificando-o. Nesse sentido, “neutralizar o desejo transformando-o em pura necessidade tem a função de libertar da dependência, mas acaba por enfraquecer a própria dimensão desejante” (FORTES, 2011, p. 87).

Ora, não necessariamente deve-se priorizar uma interpretação em detrimento da outra, visto que há, também, uma sobreposição das duas análises descritas acima. Conforme desenvolvido por Recalcati (2001), e relatado por Fortes (2011, p. 89), “[...] há o surgimento do desejo, mas este se manifesta como um “desejo frágil”, pois consiste em um desejo que só consegue se expressar pela negação”. A citação permite vislumbrar o desdobramento de uma espécie de compromisso entre duas instâncias conflitantes - por um lado, a demanda da mãe: “coma!”, e, por outro, o desejo do sujeito de emergir em sua potencialidade, desalienado ao desejo materno. Trata-se de um conflito entre o desejo e a demanda do Outro, e, conseqüentemente, a eclosão do sintoma enquanto uma tentativa de compromisso.

Com o intuito de elucidar a dialética entre demanda e desejo, crucial para uma investigação acerca das dinâmicas psíquicas implicadas nos sintomas alimentares, recorreremos, aqui, aos quatro tempos da demanda: “Eu te peço que recuses o que eu te ofereço porque não é isso” (LACAN, 1972/2012, p. 79). No exemplo da anorexia, a

criança está fixada na demanda do Outro - ela troca o seu desejo pela demanda da mãe. Em função das falhas no processo de separação, o sintoma anoréxico surge justamente como uma tentativa de recusar a demanda materna, abrindo assim uma brecha para a própria constituição. No entanto, a criança, reduzindo o desejo da mãe à demanda ("coma!"), permanece cristalizada em sua recusa do alimento, embora o pedido da mãe expresse muito mais do que aquilo que se apresenta no nível da enunciação. Nessa problemática, a criança recusa infindavelmente a mesma demanda, a qual se avulta cada vez mais para cima dela. Desse modo, a demanda permanece fixada, e, conseqüentemente, o desejo não se desloca.

Importante ressaltar que, a despeito de existirem hipóteses gerais acerca das tramas subjetivas envolvidas no surgimento dos sintomas alimentares, o caráter singular do mal-estar se sobrepõe à qualquer saber que antecipa a escuta do sujeito. Ainda assim, os aspectos singulares do sujeito também se articulam ao contexto social em que ele está inserido (ROSA, 2004). Em 1921, Freud já indicava que:

Na vida psíquica do indivíduo o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo e é por isso que, desde o início, a psicologia individual é simultaneamente psicologia social nesse sentido mais amplo, mas inteiramente legítimo (1921/2020, p. 67).

Considerando a indissociabilidade dos aspectos individuais e sociais, e conforme indicado pela psicanalista Fernanda Pimentel em seu seminário intitulado *Anorexias, bulimias e compulsões* (2022), a cultura não diz apenas de um conjunto de hábitos e costumes, mas também de uma complexa máquina social que atua na formação das subjetividades. Assim, o corpo que é visto pelo sujeito no espelho, perpassado por fantasias, ideais, afetos e pela relação com o outro, é também um corpo atravessado pelos ideais e fantasias que marcam a cultura de uma época.

A pesquisa sobre a relação do sujeito com a sua autoimagem hoje nos leva de encontro com os ideais da contemporaneidade, visto que a cultura é produtora de subjetividade e, assim, influencia na produção do corpo (PIMENTEL, 2022). Em face do exposto, indagamos: de que forma o cenário cultural de culto ao corpo pode estar promovendo uma maior vulnerabilidade na relação com o corpo, a ponto dos conflitos psíquicos se cristalizarem no encontro com a autoimagem e as práticas alimentares?

3 O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO

3.1 Uma introdução ao mal-estar na cultura

Em *O Mal-Estar na Cultura*, Freud (1930/2020) demarca três principais fontes do sofrimento psíquico: a soberania da natureza sobre os humanos, a inadequação dos dispositivos que regulam as relações sociais e a fragilidade dos corpos da nossa espécie. No que diz respeito ao corpo, Freud é categórico ao dizer que ele “será sempre uma formação passageira, limitada quanto à adaptação e à realização” (1930/2020, p. 333). Isto é, a espécie humana é marcada pela certeza da finitude e pelas limitações impostas pela própria natureza, tanto a externa, quanto a corpórea.

A obra de 1930, escrita durante um período caracterizado por graves conflitos na Europa, oferece *insights* que possibilitam pensar não só os impasses da época, como também o mal-estar contemporâneo. Freud (1930/2020) sinaliza que, em função do descobrimento do mecanismo das neuroses - mecanismo este que é articulado aos impedimentos próprios ao processo civilizacional - é possível concluir que a felicidade seria profundamente obstaculizada pelas exigências da cultura. Em seus escritos, o pai da psicanálise oferece reflexões acerca da hostilidade direcionada à cultura da época, indagando-se sobre a crença difundida de que, caso fosse possível retornar a um estado de menores restrições impostas pela cultura, poderia então ser alcançada a tão almejada felicidade.

Quanto à crença em uma felicidade plena vivenciada em sociedade, Freud adota um tom crítico. Para ele, o mal-estar na cultura é incontornável. O psicanalista aponta para a importância da cultura, considerando os inúmeros benefícios possibilitados por ela. Por exemplo, é justamente em face dos impedimentos culturais, os quais levaram à inibição de pulsões agressivas, que os seres humanos puderam desfrutar de uma vida mais segura e prolongada. Uma maior liberdade pulsional, usufruída pelos chefes das famílias pré-históricas, contrasta com a inibição das pulsões na cultura, a qual permite o estabelecimento de relações mais resguardadas, mas também marcadas pelo recalque e pelas satisfações substitutivas (FREUD, 1930/2020).

De modo mais específico, Freud compreende que a cultura apresenta duas grandes funções. Em primeiro lugar, a função de proteção dos seres humanos contra a natureza, e em segundo, a regulamentação das relações entre os sujeitos, apesar

desta última se configurar também como uma fonte de mal-estar, diante da qual os sujeitos ficam mais inconformados. No entanto, uma aproximação dessas duas funções mencionadas por Freud (1930/2020) se torna possível apenas a partir de uma renúncia a pulsões poderosas. A restrição a pulsões que são inerentes à constituição das subjetividades possibilitou a união dos indivíduos em unidades organizadas, permitindo a colaboração entre os seres humanos para alcançarem objetivos em comum. No entanto, para que inibições tão intensas fossem possíveis, “a cultura precisa tudo mobilizar para colocar barreiras às pulsões de agressão dos seres humanos, para suprimir as suas manifestações através de formações reativas” (FREUD, 1930/2020, p. 364).

Assim, as restrições da sexualidade e da agressividade, inerentes à constituição da vida psíquica, não se deram sem um custo. Conforme assinala Freud (1930/2020, p. 367), “se a cultura impõe, não apenas à sexualidade, mas também à tendência à agressão do ser humano, tão grandes sacrifícios, então entendemos melhor por que se torne difícil para o ser humano nela sentir-se feliz” (p. 367). Dessa forma, entende-se que viver em sociedade só é possível através de inibições que são custosas aos seres humanos. Torna-se compreensível, agora, o caráter inevitável do mal-estar na cultura.

Há quase um século, Freud (1930/2020) já apontava para os avanços técnicos anteriormente inimagináveis nas ciências naturais, possibilitando um maior domínio sobre a natureza. Os progressos na medicina, o aprimoramento das tecnologias, assim como inúmeros outros avanços científicos são citados pelo autor como aquisições culturais que possibilitaram benefícios inegáveis. Porém, mesmo ultrapassando barreiras da natureza antes percebidas como insuperáveis e usufruindo de novas possibilidades de aproveitamento do tempo, do espaço e do corpo, os seres humanos não se encontravam, segundo suas interpretações, mais felizes.

No que diz respeito ao corpo, são citados modos que foram criados para aprimorar o funcionamento dos órgãos motores e sensoriais, assim como as formas inventadas que visavam retirar os obstáculos para a sua melhor funcionalidade. O psicanalista descreve aquisições culturais como a criação dos óculos, capazes de corrigir a defasagem da visão, do telescópio, permitindo ao ser humano visualizar distâncias anteriormente inconcebíveis a olho nu, do telefone, concedendo a possibilidade de uma comunicação direta apesar de longas distâncias entre os

interlocutores, entre outras, como a criação do microscópio, da câmera fotográfica, etc. Dessa forma, os avanços técnicos sobre o corpo, resultante da ação do ser humano na cultura, pouco a pouco aproximaram o sujeito a uma “espécie de deus-protético” (FREUD, 1930/2020, p. 340).

Conforme pode ser observado na atualidade com as chamadas técnicas do corpo, que revelam uma crescente possibilidade de intervenção no organismo, destaca-se um trecho marcante da obra de 1930: “tempos distantes irão trazer consigo novos avanços, provavelmente inimagináveis, para esse campo da cultura, e irão aumentar ainda mais sua semelhança com Deus” (p. 340). Nesse sentido, Freud foi preciso em sua previsão, visto que a atualidade apresenta exemplos cada vez mais impressionantes de intervenções sobre as formas e funções do corpo humano, como as cirurgias de redesignação sexual e a possibilidade de gestação em idades cada vez mais avançadas (JORGE e TRAVASSOS, 2018; PIMENTEL, 2022).

3.2 Configurações do mal-estar na atualidade

Embora o mal-estar se apresente como inerente à cultura, conforme descreve Freud, diferentes autores têm teorizado sobre como os paradigmas de cada época podem exercer um efeito distinto sobre a experiência do sofrimento psíquico. Birman (2004), por exemplo, pontua que, embora novas modalidades de mal-estar estariam se revelando a partir dos anos 70, seria a partir da década de 90 que elas se mostrariam em toda a sua força. O autor argumenta que o sofrimento contemporâneo estaria articulado a mudanças nas subjetividades da atualidade, decorrentes de uma transformação histórica pautada em operadores políticos, simbólicos e sociais. Em contraste com as subjetividades de um passado recente, o sofrimento de hoje estaria sendo descrito sobretudo a partir dos registros do corpo, da ação e do sentimento. Ele destaca que esses três registros psíquicos são utilizados de modo prevalente para orientar a nomeação e a classificação do mal-estar atual. Por outro lado, ainda de acordo com o autor, registros como o do pensamento e da linguagem, fortemente utilizados no passado, estariam hoje empobrecidos (BIRMAN, 2004).

Como palco das principais queixas atuais de sofrimento, destaca-se o registro do corpo:

[...] todo mundo se queixa de que o corpo não funciona a contento. Imagina-se sempre que algo deve ser feito para que a performance corpórea possa melhorar. Nos sentimos sempre faltosos, não fazendo tudo que deveríamos

fazer, considerando as possibilidades que nos são oferecidas para o cuidado do corpo. (BIRMAN, 2004, p. 178).

Em uma relação estreita com as estratégias publicitárias pautadas no modelo neoliberal, o corpo teria se tornado o bem mais precioso. A sua pregnância como registro de referência, em conjunto com as propagandas que instigam uma insatisfação corporal infindável, sinaliza as rotas empreendidas pelas subjetividades atuais para descrever e experienciar o sofrimento psíquico. Volta-se ao corpo, sempre em dívida no que diz respeito aos ideais de saúde e de beleza da hipermodernidade (BIRMAN, 2004; PIMENTEL, 2022; SADDI, 2020). Tendo como foco o mal-estar localizado no organismo, o sujeito contemporâneo apresenta como base para as suas estratégias de cuidado os tratamentos e técnicas voltados para a erradicação deste mal. É nesse sentido que Birman (2004, p. 181) afirma que “as academias de ginástica se transformam nos templos seculares da atualidade, onde os fiéis vão comungar em nome da longevidade e da beleza.”.

Ainda, o autor demarca o excesso como sendo um dos fundamentos do mal-estar contemporâneo. Ele argumenta que este, em suas variadas formas de manifestação, estaria relacionado às formas de descarga psíquica adotadas pelos sujeitos. Isto é, diante de um não-saber fazer com o excesso inerente à hipermodernidade - de informações, mercadorias, opiniões, etc. - seriam desenvolvidas estratégias de descarga da excitabilidade psíquica para evitar uma paralisação pela angústia. Essas estratégias incidiriam então nos diferentes registros psíquicos, resultando em manifestações sintomáticas como as compulsões, o pânico e os fenômenos psicossomáticos (BIRMAN, 2004).

No que diz respeito às depressões contemporâneas, citadas como um dos grandes males da atualidade, é frisada a prevalência do sentimento de um vazio, diferente da culpa, que teria sido a principal marca das depressões no passado. Como característica central da depressão que acomete as subjetividades hoje, destaca-se o que o autor denomina como "desposseção de si". Em razão da perda da capacidade de regular as relações entre o corpo e o mundo, o psiquismo é tomado pelo sentimento de vazio, signo por excelência das depressões que afligem a sociedade hipermoderna (BIRMAN, 2004).

Diante dessa desposseção subjetiva, nos indagamos sobre o papel do incansável empuxo à adoção de técnicas para solucionar o corpo imperfeito, específico do *modus operandi* atual, no assujeitamento das subjetividades

contemporâneas. De modo mais específico, podemos nos referir às técnicas do corpo cada vez mais avançadas e anunciadas como solução para o problema do corpo faltoso. A autonomia sobre o corpo é transferida a um saber externo ao sujeito, “revelando que o sujeito psíquico foi expulso do homem.” (SADDI, 2020, p. 218).

Apesar das estratégias possíveis - e, hoje, mais acessíveis do que nunca - como as dietas, os exercícios físicos e as intervenções diretas no corpo, Wolf (1991/2020) assinala que novos ideais surgem à medida que os anteriores não se mostram lucrativos o suficiente para garantir o crescimento do modelo econômico vigente. Assim, perpetua-se uma cadeia infundável de insatisfação e de busca por um apaziguamento através de técnicas mais sofisticadas (PIMENTEL, 2022; SADDI, 2020). No entanto, conforme nos ensina a psicanálise, esse é um esforço frustrado, devido à dimensão estrutural da falta na constituição do sujeito (ROCHA, 1999).

Por fim, outro marco no que diz respeito ao mal-estar contemporâneo é o empobrecimento do registro da linguagem. Birman (2004) destaca que a linguagem estaria cada vez mais restrita ao campo das imagens, perdendo o seu poder metafórico. É nesse sentido que o psicanalista argumenta que “a linguagem se transforma, perdendo as suas marcas simbólicas e se transmutando em retórica instrumental. Vale dizer, a linguagem se esvazia como *poiesis*” (p. 191). De maneira análoga, Safatle (2017) aponta para uma redução da circulação da palavra em sua força instauradora, isto é, em sua capacidade de instaurar novos afetos, desativar antigos, promover a reconstrução de identificações e de persuadir de uma forma que não se resuma à explicitação de argumentos. Ele se refere à para além de sua instrumentalidade. Os reflexos do empobrecimento da linguagem se expressam em uma fragilização do poder simbólico, podendo acarretar em uma maior dificuldade psíquica na regulação dos excessos e de transformação do sofrimento (BIRMAN, 2004).

As argumentações expostas pelos teóricos abrem caminho para novas indagações acerca do papel da linguagem na relação que os sujeitos estabelecem com seus corpos na contemporaneidade. Com a prevalência do universo imagético e a redução da linguagem à uma retórica instrumental, em que medida estariam os sujeitos hoje mais suscetíveis à primazia do imaginário em detrimento de uma sustentação simbólica?

MÉTODO

Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, foram adotados os princípios metodológicos que respaldam a pesquisa em psicanálise. Para que os procedimentos adotados sejam compreendidos em sua dimensão teórica, será realizada uma breve descrição de características centrais a este campo de pesquisa.

A prática psicanalítica fora do âmbito clínico, referida como psicanálise extramuros ou em extensão, dispõe de algumas particularidades. Afinal, o fato do inconsciente se diferenciar radicalmente de objetos de estudo delimitados - como nas ciências médicas - implica a necessidade de métodos investigativos que contemplem as suas especificidades (SILVA e MACEDO, 2016). Embora a psicanálise em extensão tenha encontrado resistências baseadas na argumentação de sua suposta fragilidade epistemológica por extrapolar o campo em que foi criada, cumpre resgatar a afirmação de Freud de que a psicologia individual e a psicologia social são indissociáveis (1921/2020). Ainda que os pesquisadores devam se atentar a cuidados específicos do campo, a área tem muito a contribuir em estudos de fenômenos sociais e políticos, visto que a própria construção da psicanálise incluiu a análise destes (ROSA e DOMINGUES, 2010)

Na psicanálise em extensão, considera-se a presença do sujeito do inconsciente nas mais variadas esferas da sociedade. Isto é, o inconsciente não se restringe ao discurso situado na clínica, pois suas manifestações podem ser observadas em outros contextos desde que sejam preservados os requisitos básicos da teoria e desde que haja uma escuta psicanalítica (ROSA e DOMINGUES, 2010). Assim, considera-se que é no discurso do sujeito e nas suas produções psíquicas que poderão ser observadas variadas formas de expressão do inconsciente, tanto no âmbito da psicopatologia quanto no de uma dita normalidade (SILVA e MACEDO, 2016).

Importante salientar que a pesquisa em psicanálise requer um desprendimento de hipóteses *a priori*, pois considera que o principal objeto de investigação será construído ao longo da pesquisa na relação transferencial, integrando teoria, prática e pesquisa. Nesse processo, o pesquisador não é neutro, visto que sua própria subjetividade está implicada na construção do conhecimento acerca do fenômeno de interesse. Assim, longe de pretender a produção de um conhecimento absoluto, isento de influências externas, a pesquisa em psicanálise trabalha com a inevitável

ligação do pesquisador nas produções inconscientes sob investigação (BIANCO, 2003; SILVA e MACEDO, 2016).

Procedimentos de coleta de dados

Inicialmente, o projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), devido à importância do cumprimento das diretrizes éticas em estudos que envolvem a participação de seres humanos. Dessa forma, pôde ser minimizado qualquer risco relacionado à execução da pesquisa. Após aprovação pelo CEP, foram iniciados os procedimentos de coleta de dados, divididos em três etapas principais.

Na primeira etapa, foi efetuada uma busca ampla em redes sociais como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* a partir de palavras-chaves ou *hashtags* como *#alimentaçãosaudavel*, *#hipertrofia*, *#dieta*, *#nopainnogain*, etc., com o objetivo de mapear as plataformas utilizadas como facilitadoras para a comunicação entre os usuários sobre suas práticas alimentares e/ou exercícios físicos. Isto é, considerando que o formato de redes sociais como o *Instagram* privilegiam o compartilhamento de imagens e vídeos em detrimento de textos, buscamos identificar para onde os usuários se redirecionam com o fim de obter um maior espaço de interlocução.

Uma vez realizado o mapeamento das plataformas privilegiadas para a comunicação sobre as práticas relacionadas ao corpo, foi feita uma leitura das discussões que se desenvolvem nesses meios. Nessa etapa, a leitura privilegiou as postagens publicadas nos últimos seis meses, de modo a facilitar uma eventual tentativa de contato com o usuário. A partir das consultas ao material virtual, e após uma compilação, sistematização e organização das postagens, foram selecionados três (3) usuários a serem convidados para uma entrevista individual semiestruturada. O critério para a seleção dos participantes levou em consideração o cunho temático e afetivo das postagens feitas pelos usuários. De modo mais específico, foram selecionados aqueles usuários cujas postagens continham referências à alimentação dita saudável e às práticas de exercício físico, sobretudo na presença de uma tonalidade de inquietação.

A terceira etapa envolveu a realização das entrevistas, as quais foram realizadas virtualmente utilizando a ferramenta *Google Meet* mediante agendamento com cada participante. Após a disponibilização de um link para a reunião, e estando

o participante *online*, a pesquisadora explicitou os termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), podendo a atividade prosseguir somente mediante a aceitação do termo digital (ANEXO A). O áudio da atividade foi gravado para a posterior transcrição e análise dos discursos e os participantes foram todos, individualmente, assegurados acerca da confidencialidade das gravações obtidas.

Conduziu-se a entrevista de modo a privilegiar as temáticas abordadas pela pesquisa. Nesse processo, a pesquisadora desempenhou o papel de facilitadora, visando estimular uma fala livre dos entrevistados acerca de suas percepções sobre as práticas de cuidado realizadas com o próprio corpo, assim como de outrem. As questões da entrevista abarcaram aspectos como a atual relação do participante com o seu corpo, com a sua alimentação, assim como aspectos de sua história relacionados às práticas corporais (ANEXO B). Ao realizar a entrevista, privilegiou-se uma condução flexível da atividade por parte da pesquisadora, contemplando os relatos emergentes no momento empírico.

Ao final das três etapas descritas acima, o material foi transcrito, compilado, sistematizado e organizado para análise posterior.

Procedimentos de análise

Para a análise do material, foram seguidas as descrições apresentadas por Orlandi (2001) a respeito da Análise de Discurso. Assim, adotamos os seguintes procedimentos: (i) identificação das posições subjetivas dos participantes no discurso; (ii) localização das repetições, paráfrases, metáforas e metonímias, dando margem para averiguar sinais da configuração das formações discursivas em questão; (iii) indicação dos mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos, considerando a ideologia como constitutiva do sujeito; (iv) levantamento de hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos participantes, visto que “ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam” (ORLANDI, 2001, p. 82) e, por fim; (v) análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes, visando identificar elementos que organizam a produção discursiva.

A análise foi realizada tendo como base o referencial teórico explorado anteriormente à execução das entrevistas mas sem limitar-se a ele, levando em conta a abertura necessária do pesquisador para o surgimento do inusitado no discurso.

Conforme descreve Orlandi (2001, p. 80) ao tratar das noções que sustentam a possibilidade de uma análise, a investigação realizada nesta pesquisa debruçou-se sobre o material coletado “num retorno contínuo do objeto de análise para a teoria, num movimento constante de descrição e interpretação”.

4 O DISCURSO DA SAÚDE COMO MEDIADOR DAS RELAÇÕES COM O CORPO E O ALIMENTO

4.1 A moralidade dietética contemporânea

A alimentação é uma prática imbuída de moralismos, cujo teor se modifica ao longo da história acompanhando o cenário sócio-político em questão. Os discursos hegemônicos que interpelam as subjetividades de cada tempo são distintos, produzindo diferentes efeitos sobre as práticas alimentares. Sibilia (2004, p. 80) descreve que “é imensa a lista de valores que podem temperar os pratos servidos nas mais diversas mesas”, usando como exemplos o pecado, o jejum, o luxo, a abstinência, a gula, o prazer, assim como a saúde. Isto é, o comer não se limita ao mero ato de satisfação de uma necessidade biológica, e sim contempla uma gama de variáveis implicadas nos discursos hegemônicos do contexto vigente (BAYÃO e DAMOUS, 2020). A prática alimentar não é alheia ao mundo simbólico.

Levando em consideração que as formas de se alimentar e de se relacionar com o alimento se articulam ao *Zeitgeist*, há de se perguntar quais seriam os elementos que organizam o discurso em torno da alimentação na contemporaneidade. De antemão, cumpre destacar que as práticas alimentares não apenas se engrenam ao cenário simbólico de cada período histórico, como também teriam alcançado hoje uma posição de destaque no que diz respeito às problematizações morais da sociedade ocidental (BAYÃO e DAMOUS, 2020; SADDI, 2020). Conforme explorado na seção “2.1 Uma breve retomada histórica” alguns autores argumentam que, nos dias atuais, os complexos morais teriam migrado “da sexualidade para a dieta, da cama para a cozinha e para a mesa” (SADDI, 2020, p. 218). Assim, enquanto no século XIX os tabus eram localizados sobretudo no campo da sexualidade, hoje eles se encontrariam no campo da alimentação (HERRMANN e MINERBO, 1998; SADDI, 2020).

Na contemporaneidade predomina o que alguns autores nomeiam de *healthism* ou *santé-isation* - uma nova moral da saúde que abarca o imperativo neoliberal de autocontrole, a partir do qual é atribuído valor a diferentes condutas sociais. Bayão e Damous (2020, p. 177) sinalizam que nessa conjuntura emergem:

critérios de mérito e reconhecimento baseados no paradigma atual da saúde perfeita sustentado pelo discurso da administração dos riscos e da autogestão: uma nova política do corpo apoiada na crença de que é possível

se resguardar e controlar ao máximo qualquer tipo de dano à saúde, bem como na ideia de que cada um é o único responsável por esta gestão.

Trata-se de uma moralidade pautada nas regras normativas da boa saúde, incidindo sobre os hábitos alimentares. Ou seja, o comer se insere num regime de vigilância ancorado na suposição de práticas e alimentos “certos” e “errados”, regime este desequilibrado e inconstante, visto que assistimos hoje uma oscilação marcante no que diz respeito às orientações acerca das boas práticas alimentares:

Diferentes especialistas dizem, em um momento, que o café ou o chocolate é ótimo para a saúde, e no momento seguinte afirmam o oposto. Em seguida, voltam a dizer que o café e o chocolate fazem bem para uma série de coisas. E outros dizem que faz mal para outras tantas (GOLDENBERG, 2011, p. 237).

Nesse sentido, a obrigação moral de ser um “comedor competente” (BAYÃO e DAMOUS, 2020, p. 178) se apoia em elementos instáveis. As implicações dessa instabilidade acenam para o pano de fundo sobre o qual se apresenta o atual paradigma da busca pela saúde perfeita: a administração dos riscos aos quais o corpo estaria permanentemente submetido (BAYÃO e DAMOUS, 2020; BIRMAN, 2012/2022; FERNANDES, 2011).

Na tentativa de aniquilar a sensação de risco, são desenvolvidas estratégias de gerenciamento do corpo que apontam para uma tentativa de distanciamento da condição de desamparo inerente à condição humana, alimentando uma fantasia de controle (ALVES e LIEDKE, 2023; BIRMAN; 2012/2022). A indústria do bem-estar cai então como uma luva, ofertando ao sujeito uma variedade de soluções para todo e qualquer tipo de ameaça à saúde, desde chás milagrosos até práticas de *detox* que prometem prevenir o câncer.⁶

Em uma tentativa de driblar os riscos que parecem ser vivenciados como ameaças intermináveis direcionadas ao corpo, as técnicas alimentares e de gerenciamento corporal se desdobram sob o domínio do discurso médico-científico higienista, o qual extrapola o âmbito técnico e se expressa cada vez mais intensamente nas redes sociais, nas revistas, através das celebridades, dos apresentadores de TV, entre outros (BAYÃO e DAMOUS, 2020; FERNANDES, 2011). Apregoa-se que, para garantir uma boa saúde, e servir-se desta como parâmetro para um julgamento moral, deve-se obedecer às regras do bem-estar que prometem

⁶ Não surpreende, portanto, que essa indústria tenha sido avaliada em US\$4.3 trilhões em 2020, e é estimada a aumentar para US\$11.3 trilhões até 2025 (GORDON, 2020; GOUGH, 2023).

resguardar o sujeito de perigos externos, como as toxinas presentes nos alimentos com potencial adoecedor, além do próprio envelhecimento. O "prêmio" para quem se submete a esse padrão normativo seria a conquista da saúde inabalada e uma espécie de juventude eterna.

Jordan⁷, um dos entrevistados para este estudo, salienta a importância de manter uma dieta "limpa", a qual pode ser eventualmente intercalada com um "dia do lixo ou uma refeição livre". Vale destacar a enunciação do significante "limpo" usado em relação ao tipo de dieta considerada ideal por Jordan. De acordo com ele, esta seria uma alimentação com baixo consumo de alimentos industrializados. Em contraposição, ele explica que, por ter como objetivo a maximização de sua performance no esporte, e não a estética corporal, isso lhe permite uma maior liberdade para comer "besteira". Chamam a atenção os significantes utilizados para descrever a alimentação, a qual, de acordo com a descrição do participante, pode ser "limpa" ou pode aproximar-se ao conteúdo de um "lixo", ou seja, a comida desprovida de qualidades nutricionais seria indesejada, descartável ou, simplesmente, suja.

As descrições aqui apresentadas acerca da alimentação remetem a um campo semântico higienista, no qual diferentes alimentos parecem ser classificados numa oposição entre pureza e impureza. Nesse sentido, vale lembrar que a moralidade dietética parece ter se desenvolvido precisamente a partir do movimento higienista (COSTA, 1999; BAYÃO e DAMOUS, 2020)⁸.

A preocupação com a saúde e com a alimentação despontam no Brasil no final do século XIII com as políticas higienistas no campo médico, visando romper com os hábitos do período colonial. Conforme sinalizado por Costa (1999, p. 12), "[...] os indivíduos aprenderiam a cultivar o gosto pela saúde, exterminando, assim, a desordem higiênica dos velhos hábitos coloniais". É nesse cenário que emergem intervenções diretas sobre os hábitos da família, não só no que diz respeito às práticas alimentares, como também à sexualidade, ao vestuário, à habitação, à higiene e às regras de conduta e disciplina. Assim, a partir da educação moral, cria-se um protótipo do sujeito exemplar, o qual deve ser contido, polido e bem-comportado.

⁷ Jordan é um jovem de 24 anos, atuante na área de Tecnologia da Informação. Atualmente, almeja se tornar um lutador profissional, e têm moldado suas práticas físicas e alimentares visando este objetivo.

⁸ Para uma discussão mais abrangente acerca do movimento higienista no Brasil e seus entranhamentos nas subjetividades contemporâneas, consultar Bayão e Damous (2020) e Costa (1999).

O “bom-comportamento” parece se manifestar na apreensão de uma dicotomia entre condutas alimentares “certas” ou “erradas”, o que se relaciona à oposição referida anteriormente entre uma dieta pura e impura. Adotar a conduta “certa” implicaria não só na execução de um “bom-comportamento”, como também sinalizaria um “bom-cidadão”, aquele que demonstra eficácia no autogerenciamento. A conduta “certa” parece implicar algum grau de restrição pela via do controle, considerando o paralelo estabelecido por Jordan entre o “dia do lixo” e a “refeição livre”. Conforme instruído por diferentes perfis nas redes sociais, existem estratégias que devem ser adotadas para minimizar o prejuízo de uma refeição livre, como um maior dispêndio de calorias no dia planejado para tal refeição. A liberdade alimentar deve, portanto, ser cerceada.

Assim, temos indícios de como a busca pela alimentação saudável pode estar também articulada a uma estratégia mais abrangente de regulação das condutas (BAYÃO e DAMOUS, 2020). Jordan, ao descrever o início de sua jornada no mundo dos esteróides anabolizantes, visando aprimorar seu desempenho no esporte e melhorar a sua saúde, relata com orgulho que passou também a se “comportar melhor com a alimentação”, o que nos remete a uma posição de submissão em relação ao discurso do Outro, como se estivesse prestando contas a uma figura de autoridade. Ele descreve outros benefícios que sentiu ao iniciar o tratamento hormonal, os quais implicaram numa alta estima de si pela repentina capacidade de autocontrole e disciplina:

Eu senti uma disposição muito forte, uma.. uma satisfação das coisas, de acordar bem disposto, sabe? Me deixou muito *regrado* por um processo de tempo, depois passou... eu não sei se meu corpo se acostumou ou se chegou a ser um placebo e tal, mas eu acho que não, né? Porque eu fiquei muito, muito *disciplinado*.

Observa-se como a estratégia adotada por Jordan, atrelada à uma lógica de privação em decorrência de ter se tornado “muito disciplinado”, produz um gozo, na medida em que a privação parece satisfazer a uma injunção superegóica (FREUD, 1924/2020). Fixou-se um gozo ali onde foi estabelecida uma interdição. Desse modo, ao invés da interdição demarcar a falta e, conseqüentemente, abrir espaço para o deslocamento do desejo, a privação se apresenta como uma forma de atuar, repetidamente, aquilo que não foi elaborado (FREUD, 1914/2020). Trata-se de uma fixação de gozo, impedindo a circulação do desejo (FINK, 2018; FORTES, 2011).

Camila⁹, outra participante deste estudo, salienta a importância do “comer certo” para garantir o bom-funcionamento do corpo, prática que ela associa a “comer coisas de verdade”. Para assegurar esse modo de alimentação, Camila sinaliza alguns questionamentos pelos quais ela se guia: “[...] Tentar olhar, meu, isso veio da natureza? Quão processado isso é? O que é isso que eu tô ingerindo, sabe? [...] Eu tento conhecer mais os alimentos que eu coloco para dentro”. Apoiando-nos no relato de Camila, no momento atual parece vigorar uma valorização da escolha pelo alimento percebido como puro, a qual reverbera na avaliação do corpo. Para garantir um corpo bem avaliado, faz-se necessário então um gerenciamento de si, de modo a evitar os “elementos poluidores da ordem, visto que ameaçam a pureza do corpo bom” (BAYÃO e DAMOUS, 2020, p. 180).

No que diz respeito ao autogerenciamento, anuncia-se na fala de Camila uma importância atribuída ao controle dos hábitos alimentares e das práticas de exercício físico para garantir a saúde física e mental, mantendo o corpo com a estética desejada. Visando esses objetivos, Camila descreve que têm sido necessário recusar convites para eventos sociais que envolvem o consumo de muita “porcaria”, assim como evitar o convívio com pessoas que não partilham de metas semelhantes:

Hoje eu tento controlar muito mais os meus ambientes, como eu te falei, né? Sou mais velha, já aprendi a dizer não - “não quero ir não”. [...] Então, assim, isso me ajuda muito a controlar mais os meus ambientes, mas é muito difícil.

Controlar os locais frequentados parece ser fundamental para Camila, como por exemplo a própria academia de ginástica escolhida por ela, a qual, na sua concepção, é um lugar de “foco” e onde “a pessoa tem que estar totalmente entregue”. Em meio a hesitações, ela relata: “eu entendi que os meus hábitos vão vir disso, e controlando os meus amb-, controlando, to controlando as pessoas com as quais eu tô saindo também”. A partir das falas da participante, têm-se notícias sobre como a moralidade alimentar, articulada ao imperativo de autocontrole, se entranha nos modos de relação consigo e com o outro, tendo como parâmetro um padrão otimizado de saúde (BAYÃO e DAMOUS, 2020). Para Camila, aqueles que se alimentam de forma “errada”, de acordo com seus referenciais, pagarão um preço por isso:

A pessoa que tá comendo bolonhesa - ótimo! É no seu sábado? É uma exceção? É uma vez ou outra, ou é todos os dias? [...] Depois, daqui uns anos, quem vai dar risada é a outra pessoa! O desempenho físico... ela provavelmente treina- consegue treinar metade do que eu [...]. Quem que ri

⁹ Camila é uma advogada e escritora de 28 anos. Relata que seus principais interesses hoje circulam em torno de temáticas relacionadas à saúde mental, alimentação saudável e atividade física.

no final, sacou? Assim, é muito divertido, é muito bonito, é muito engraçado, né, sair todos os dias, encher a cara é muito sociável, né? Mas e aí?

Os outros parecem fruir livremente do prazer proporcionado pelos alimentos e dos eventos sociais vinculados à comida, transgredindo as regras estabelecidas pela moralidade alimentar, as quais são cumpridas devotamente por ela. Assim, tendo como base a cadeia associativa em torno da qual se estrutura a fala de Camila, enquanto aqueles que não se ocupam em tomar as mesmas precauções que ela padecerão de suas más-condutas, ela triunfará pelos seus sacrifícios. Observamos aqui justamente como as formas de avaliação de si e do outro parecem estar sendo mediadas por um discurso de saúde ideal. Nota-se, novamente, a questão do gozo na privação. Isto é, há uma satisfação que se produz a partir dos sacrifícios descritos por Camila. Aqui, vale resgatar o que Freud (1924/2020, p. 301) destaca sobre o masoquismo moral, o qual:

passa a ser a testemunha clássica da existência da fusão pulsional. Sua periculosidade se deve ao fato de derivar da pulsão de morte [...] Mas como, por outro lado, ele tem o valor de um componente erótico, a autodestruição da pessoa também não pode se realizar sem uma satisfação libidinal.

Ou seja, ali onde Camila parece renunciar ao prazer em nome de um bem maior, há um gozo. Trata-se de uma lógica sacrificial que parece estar implicada na busca fervorosa pela otimização da saúde na moralidade dietética. Conforme indicado por Herrmann e Minerbo (1998, p. 33), “[...] a moralidade implica fundamentalmente recusa do prazer - ou pelo menos do prazer excessivo e desregrado, o que dá no mesmo: para a moralidade todo prazer é excessivo e quase todo é desregrado”. No entanto, consideramos que onde parece não haver prazer algum, há uma satisfação pulsional (FREUD, 1924/2020; 1920/2020). (Essa lógica se relaciona à enunciação repetida do significante “controle” na entrevista de Camila. Para ela, o controle, elencado como estratégia suprema para atingir os seus objetivos, envolve restringir-se dos prazeres proporcionados pelo convívio social em ambientes anteriormente considerados agradáveis, assim como a privação de alimentos desejados, privações estas que implicam um gozo.

Dessa maneira, o sacrifício permitiria um distanciamento dos riscos ao corpo. Privar-se parece ofertar uma boa recompensa: a saúde perfeita, assim como o triunfo sobre os demais. Assim, o controle, pela via do sacrifício, se apresenta como elemento que possibilita a fantasia de uma completude, velando a falta inerente aos seres de linguagem. Essa mesma lógica se apresenta em outro momento da

entrevista, em que Camila descreve estratégias que a ajudam a certificar-se das melhores práticas para a sua saúde: “eu tento *blindar* de todos os lados, entendeu?” O significante “blindar” introduz a ideia de uma tentativa de defesa diante de uma ameaça. Mas não qualquer ameaça, e sim uma ameaça enigmática, a qual demanda inúmeras estratégias de enfrentamento simultâneas, visto que pode atingi-la “de todos os lados”.

A fala de Camila parece relacionar-se à experiência originária do desamparo, explorado na seção 1 deste estudo: “Os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação”. Retomaremos agora este conceito, com o intuito de elucidar possíveis articulações entre a busca pela saúde perfeita e o desamparo.

Vimos que o bebê, ao se deparar com o desejo enigmático do Outro, vivencia uma sensação de ameaça frente a qual é incapaz de se proteger. Imerso nesta sensação, ele é introduzido no mundo da linguagem, mas ainda inteiramente desprovido da capacidade de simbolização. Instaura-se uma falta estrutural, impossível de ser suprida (ROCHA, 1999). Ao longo da vida, a condição fundante do desamparo está fadada a se repetir, podendo adquirir sentidos somente através das experiências vividas *a posteriori*, quando o Eu já se encontra constituído. Frente ao desamparo, o sujeito lançará mão de suas próprias estratégias para enfrentar, ou desviar-se, do reencontro com essa experiência.

Conforme explorado por Birman (2012/2022), a dimensão do risco marca as subjetividades atuais, se instituindo como sensação polivalente nas figurações do mal-estar contemporâneo e devendo ser prontamente aniquilado para garantir a manutenção do estado de bem-estar. Evita-se olhar para o risco, pois este deve ser erradicado sem hesitação. Ora, mas o que há de tão amedrontador que não pode ser sequer considerado? Recentemente, uma postagem feita pelo perfil [@nandarude](#), no *Instagram*, publicou fotos da atriz Bruna Lombardi aos 70 anos posando de biquíni, com a legenda: “Acreditem ou não, essa mulher tem 70 anos, mas ela está conservada!” (RUDE, 2023). Na mesma postagem, há comentários como: “Ela sempre teve um estilo de vida saudável e isso conta bastante!”, além de indagações sobre como Lombardi teria conseguido manter a aparência de seu corpo tão jovem, apesar da idade avançada.

Ora, o corpo jovem é aquele que se situa temporalmente mais afastado de uma experiência inevitável atrelada ao desamparo - a própria morte. Por outro lado, o envelhecimento, processo acompanhado de mudanças visíveis na aparência,

aproxima o sujeito desta verdade existencial, seja ela reconhecida por ele ou não. Sustentamos aqui que a ideia de um “estilo de vida saudável”, em conjunto com outras técnicas relacionadas ao corpo, mascara o envelhecer do corpo e, dessa maneira, aparenta velar também a condição de desamparo. O corpo que dribla o próprio tempo é, assim, um corpo imortal e, portanto, onipotente.

Assim, quando Camila diz blindar-se de todos os lados através de estratégias voltadas à manutenção de sua saúde, é possível vislumbrar a presença de uma recusa de sua impotência frente aos elementos incontornáveis do ambiente e, mais profundamente, da angústia frente ao desejo do Outro. A tentativa de administrar todos os potenciais riscos à saúde, associada aos mecanismos discursivos imersos no contexto de uma moralidade alimentar, indica uma negação da impotência humana (FERNANDES, 2011; HERRMANN e MINERBO, 1998).

4.2 O Super-Homem: a saúde atrelada à lógica da superação

Conforme explorado na seção “3.1 O mal-estar na cultura”, no longínquo ano de 1930 Freud já indicava avanços técnicos possibilitados pelo progresso científico. A partir destes, foram sendo ultrapassadas barreiras anteriormente incontornáveis, mas que nem por isso ampliaram as possibilidades de felicidade do sujeito. Pelo contrário, Freud (1930/2020), em sua descrença relacionada à suposta capacidade do progresso científico em dominar a natureza e o corpo, parece nos guiar em direção à suposição de que, na verdade, quanto mais progresso científico, mais mal-estar.

Contemplando o escopo do presente estudo, percebe-se como a fragilidade dos corpos humanos, elencada por Freud como uma das três principais fontes de sofrimento psíquico, tornou-se alvo de contínuas intervenções técnicas. Em seu renomado ensaio, o psicanalista anuncia que os seres humanos já se aproximavam cada vez mais de um “deus-protético” (p. 340) e previa que, com o desenvolvimento tecnológico futuro, a espécie se assemelharia ainda mais à figura do Deus todo poderoso. No entanto, logo em seguida, Freud (1930/2020, p. 340) aponta: “não queremos esquecer, igualmente, que o ser humano de hoje não se sente feliz com essa semelhança”, revelando o ceticismo do psicanalista em relação à capacidade da ciência de contornar o mal-estar intrínseco à cultura.

Ao que tudo indica, as suposições de Freud foram precisas; existem hoje novas e mais grandiosas técnicas do corpo, e o mal-estar permanece. Certamente, o

progresso das técnicas do corpo permitem ao sujeito contornar destinos previamente consolidados pelo organismo, mas destaca-se, sobretudo, a semelhança entre as características atribuídas à figura de Deus e a percepção do sujeito sobre si na atualidade. Hoje, o sujeito parece se conceber próximo à onipotência de Deus e de sua soberania sobre os mortais. O que parece entrar em cena é uma fantasia relacionada às limitações corpóreas inevitáveis; a certeza da finitude aparenta entrar em questão. O discurso sobre si e o outro indicam a concepção de um sujeito que não será mais contido pelo próprio corpo - ele preponderará: a biologia não é mais “[...] um destino inelutável, mas sim um território passível de manipulação” (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010, p. 90).

No entanto, o corpo todo-poderoso não é dado *a priori*, ele passa necessariamente pelo empenho do sujeito para lhe conferir esse atributo. Ou seja, em contraponto a uma atitude resignada diante dos limites corpóreos, hoje trata-se da execução de estratégias de planejamento do presente e do futuro para obter as recompensas do corpo supostamente infalível (BAYÃO e DAMOUS, 2020; HERMANN e MINERBO, 1998). Nesse sentido, a relação do sujeito com o seu próprio corpo passa pela lógica do desempenho, inscrita num contexto mais amplo da ideologia neoliberal.

Recapitulando o que apontamos na seção “1 Os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação”, o neoliberalismo, regido por princípios como a autoregulação e a autosuficiência, não se restringe a uma teoria sobre o funcionamento da economia. Ele também constitui componente basilar no que diz respeito à compreensão dos processos de subjetivação e de constituição do sujeito na atualidade. Valendo-se de uma gestão do mal-estar psíquico, o sistema neoliberal também pode ser concebido a partir do seu entranhamento em variadas esferas da vida, como no trabalho, nas relações, no desejo e na linguagem, possuindo uma gramática própria (SAFATLE et al, 2021). Portanto, compreende-se que o sofrimento psíquico não opera da mesma forma dentro e fora do neoliberalismo:

[...] podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos subjetivos de autorregulação (SAFATLE, 2021, p. 33).

Assim sendo, os discursos que interpelam as subjetividades contemporâneas são indissociáveis do *modus operandi* neoliberal e, conseqüentemente, a relação do sujeito com o seu corpo e com a alimentação é permeada por essa lógica. Diferentes

técnicas são adotadas para tornar o corpo cada vez mais eficaz, tal qual uma máquina, ou um “super-humano”, como aponta Jordan. O participante, ao iniciar um tratamento de reposição hormonal para aprimorar sua performance no esporte, descreve que seu corpo “hoje seria um pouquinho acima do ser humano normal”. Ele relata que, apesar de não ter tido indicação clínica para iniciar o tratamento, optou pela utilização de doses supra-fisiológicas¹⁰ de testosterona unicamente por considerar suas taxas demasiadamente baixas. Com o tratamento, pôde se tornar “uns 40% acima do ser humano normal, do homem normal”.

Evidencia-se uma lógica hierárquica. Falamos aqui de um discurso que, a partir das técnicas do corpo possibilitadas pelo avanço técnico-científico, ignora os limites biológicos e se posiciona em patamar acima dos seres “normais”. Um dos objetivos de Jordan aparenta ter sido justamente esse: o de uma superação. Essa hipótese se apoia em falas manifestadas em outro momento da entrevista, quando Jordan declara que, antes de iniciar o seu tratamento, tinha um apetite reduzido, o que lhe gerava frustração pois se considerava muito magro. Ele afirma que “queria comer que nem aqueles astronautas”, referindo-se às refeições densas em valor calórico, mas com volume reduzido. Atrelada à noção de tornar-se um homem “acima do normal”, quando Jordan afirma almejar se alimentar como um astronauta, é evocada a imagem de um homem que vai além da própria Terra, isto é, que ultrapassa até mesmo o espaço delimitado para os humanos. Não basta ser homem, é necessário se tornar um super-homem. Um homem que extrapola os limites impostos e que, portanto, tem acesso ao gozo interdito.

Diante das falas do entrevistado, tornou-se possível elaborar hipóteses acerca de possíveis conflitos psíquicos sobre os quais repousam as estratégias escolhidas por Jordan para alcançar o que ele aponta como seu objetivo central: potencializar a performance esportiva.¹¹ Em dado momento da entrevista, o participante atribui à leitura de um artigo da revista *Forbes* - intitulado *You're Not The Man Your Father Was* [Você não é o homem que o seu pai foi] (HOWE, 2017) - o principal motivo de

¹⁰ “Doses mais altas (suprafisiológicas) de testosterona estimulam a síntese de proteínas e aumentam a massa muscular, porque o hormônio se liga a receptores específicos localizados nas fibras musculares. Dosagens mais elevadas provocam ainda euforia e resistência à fadiga, facilitando a realização de exercícios mais vigorosos que colaboram decisivamente para hipertrofiar a musculatura” (VARELLA, 2021).

¹¹ Importante ressaltar que as hipóteses apresentadas não têm o intuito de ousar replicar a história subjetiva de Jordan, e sim tomar a sua fala, articulada ao referencial psicanalítico, como uma base para as indagações teóricas relacionadas ao objetivo deste estudo.

ter iniciado a reposição hormonal. O artigo discorre sobre uma suposta mudança fisiológica no perfil hormonal da população masculina: hoje, os homens teriam menos testosterona em comparação aos homens da mesma idade, uma geração atrás. De acordo com as pesquisas consultadas pelo artigo, os níveis de testosterona nos homens teriam despencado se comparados àqueles auferidos na década de 80.

Considerando a centralidade do conteúdo exposto no artigo para a escolha de Jordan, buscou-se uma melhor compreensão acerca dos impactos subjetivos provocados por aquela leitura. Em outras palavras, indagamos sobre a forma pela qual a suposição de um declínio do nível de testosterona ao longo das gerações pode ter reverberado sobre o psiquismo do participante. Eis o relato de Jordan: “Para mim essa questão da testosterona decair ao passar dos *an...homens...* ao passar dos *anos* não é uma coisa saudável para o ser humano”. Nota-se um aparente ato falho quando o participante pretende enunciar o significante “anos”, mas o substitui por “homens”. Em seguida, interrompe a frase e se retifica, reafirmando: “ao passar dos *anos*”.

Referindo-se à opinião de terceiros acerca da diminuição dos níveis de testosterona ao longo das últimas gerações, Jordan acredita pensarem que é como se “o homem tá (sic) ficando menos homem”. Logo depois, em meio a hesitações, manifesta sua própria opinião sobre o assunto: “o homem vai se... fe-fe-feminilizando”. Torna-se implícito que a estratégia adotada por Jordan para maximizar sua performance no esporte passa pela preocupação em não ser “menos homem”, pelo menos em relação às gerações que o antecedem. Essa hipótese se ancora na descrição do participante sobre homens mais velhos com os quais ele convive. Por exemplo, ele destaca que o irmão mais velho possui taxas de testosterona significativamente superiores às dele e, além disso, apresenta traços físicos associados à masculinidade, como um elevado crescimento de pelos faciais e uma estrutura facial robusta: “bem diferente da minha”.

A partir dos elementos apresentados, é possível esboçar uma lógica particular intrincada no discurso do sujeito. Conforme apresenta a tese de Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem (DOR, 1989). A articulação entre os significantes têm como efeito a produção do significado, assim, há uma supremacia do significante sobre o significado: “A supremacia do significante se traduz, portanto, eletivamente, por uma *dominação do sujeito pelo significante*, que o predetermina lá mesmo onde ele crê escapar a toda determinação de uma linguagem que ele pensa controlar”

(DOR, 1989, p. 45). A teoria lacaniana do significante, e de sua primazia sobre o significado, permite vislumbrar alguns aspectos velados na narrativa de Jordan, que parecem determinantes em suas condutas.

Tendo em mente o contexto mais amplo da fala do participante, ao substituir o significante “anos” por “homens”, somos levados a considerar o processo metafórico. Para Lacan, a metáfora é a própria estrutura do significante produzindo significado. O significado não se dá pelo significante de forma isolada, mas pela articulação que se produz a partir da composição da metáfora; eis então o efeito de significação. Em outras palavras, o sentido é produzido na articulação entre os significantes no processo metafórico (DOR, 1989). Há de se pensar, portanto, no efeito de significação composto a partir dos significantes que Jordan enuncia.

Retomemos a frase original: “Para mim essa questão da testosterona decair ao passar dos *an...homens...* ao passar dos *anos* não é uma coisa saudável para o ser humano”. A partir do significante “homens” e sua articulação na cadeia de significantes, Jordan parece revelar um sentimento de impotência diante da existência de um homem onipotente, homem este que teria acesso ao gozo que lhe é interdito. Este homem idealizado - seja na forma do homem de gerações passadas, seja na do irmão mais velho - parece roubar-lhe o gozo, o qual se torna cada vez mais distante. Entram aqui as estratégias escolhidas por Jordan, como a reposição hormonal, para tentar resgatar o gozo sequestrado pela potência fálica do Outro, mas o gozo é interdito àquele que fala.

A tentativa de recuperar uma suposta fruição absoluta, que uma vez teria pertencido aos homens, remete a um esforço de resgatar a satisfação ligada ao narcisismo primário, momento primordial da constituição psíquica em que o bebê ocupa a posição de falo para a mãe. É o momento em que vigora a instância do Eu Ideal, na qual o Eu reside em um mundo de garantias, provido da sensação de amparo e autosuficiência (FREUD, 1914/2010). No entanto, conforme investigado na seção “2.3 Os sintomas alimentares e algumas hipóteses psicanalíticas”, a relação absoluta entre a mãe e o bebê será - na melhor das hipóteses - interdita com a entrada da figura paterna, a qual instaura um limite ao ocupar um lugar no desejo da mãe. O bebê perde o trono de “Sua Majestade, o bebê”, pois não se percebe mais como o único objeto do desejo materno, e passa então a operar a partir da falta introduzida pela figura paterna (GASPAR, 2005; PIMENTEL, 2022). Ele despenca da posição de

falo da mãe, tombo este do qual nunca mais se recupera, mas que o movimenta em direção ao seu desejo:

O falo é aquilo que falta, ele é um significante que está em exceção em relação aos demais significantes da cadeia, sendo ele próprio que rege a cadeia significante [...] É aquilo que vem lembrar [...] que todo desejo é insatisfeito sendo o sujeito, portanto, faltoso, e isso está relacionado ao fato de que o homem tem de renunciar ao gozo com a mãe (FEITOSA FILHO, 2008, p. 64).

Entra em cena a passagem do Eu Ideal para o Ideal de Eu, instância esta que comporta um movimento em direção à alteridade (FREUD, 1914/2010; ROCHA, 1999). Na abertura da subjetividade ao laço social, o bebê se direciona aos ideais culturais transmitidos pelo Outro, equivalentes ao falo. Isto é, ao adquirir um estatuto simbólico, o falo se torna permutável, intercambiável, podendo então ser substituído pelos objetos correspondentes na cultura:

[...] a cultura hodierna oferece significantes sendo os quais o homem deve ser forte, agressivo, vencedor, musculoso, bonito, bem-sucedido, etc. Esses ideais presidem as identificações do sujeito no campo do Ideal de Eu, ou seja, se constituem como pontos por meio dos quais ele julga receber o olhar do Outro, sentindo-se amado, desejado e reconhecido pelo Outro (FEITOSA FILHO, 2008, p. 141).

Ou seja, as técnicas do corpo selecionadas por Jordan - como a reposição hormonal, a adoção de uma dieta hiper-calórica, assim como o apreço pela maximização da performance no esporte - passam pelos ideais de masculinidade presentes no campo da linguagem. Trata-se de uma luta para se tornar digno de reconquistar um amor absoluto, mas esta é uma luta invencível. A partir dela, temos notícias de um furo subjetivo incapaz de ser preenchido devido à dimensão estrutural da falta na constituição do sujeito. Ou seja, não há técnica que possa completar a falta inerente aos seres de linguagem; portanto, não há técnica que permita a Jordan resgatar o gozo interditado.

Quando Jordan indica que o declínio da testosterona não é saudável para os seres humanos, somos levados ao encontro do que fora discutido sobre o desamparo na seção “4.1 A moralidade dietética contemporânea”. O apego ao discurso da saúde perfeita se apresenta como pano de fundo que subsidia a recusa da experiência do desamparo. Na tentativa de driblar o encontro com o desamparo, por meio do emprego de técnicas incessantes de aprimoramento da saúde, nega-se o encontro com uma dimensão repleta de desconhecimento. Esconde-se do inevitável: a morte.

O distanciamento desta verdade existencial parece ser experienciada hoje tendo como uma de suas bases a lógica do desempenho. Difunde-se a ideia de que

basta se esforçar o suficiente para que seja possível, finalmente, alcançar o segredo para a vida eterna (BIRMAN, 2004). Como discutimos no início desta seção, as técnicas do corpo atuais estão enredadas num discurso de que tudo é possível, desde que o sujeito se empenhe para isso. É uma lógica que serve de bom grado ao modelo neoliberal, que necessita do corpo-consumidor para se manter em movimento.

Se entendemos que o sujeito é efeito dos discursos de uma época, determinado pelas leis da cultura, então entendemos que a forma do sujeito para se relacionar consigo e com o outro passa necessariamente pelo modelo socioeconômico em vigor (PIMENTEL, 2022; SAFATLE et al, 2021). O corpo regido pelo que produz e que, dessa forma, tem poder de consumo, é o corpo inscrito no discurso neoliberal, o qual abrange o estímulo ao desempenho e produtividade. É o corpo que precisa estar em constante alerta aos perigos do descanso e do “tempo morto”, sendo investido para poder investir. Articulado à lógica da competitividade, é o corpo que precisa se superar para, então, poder superar os outros. As descrições dos participantes acerca do próprio corpo e das práticas corporais parecem utilizar uma gramática própria a esse contexto.

A ideia da superação se evidenciou, também, na entrevista realizada com Anne¹². Ao discorrer sobre as modalidades de exercício físico já praticadas por ela, Anne destaca o *CrossFit*, uma prática esportiva que combina uma variedade de exercícios em treinos de alta intensidade:

[...] é um ambiente que todo mundo tá tentando se superar. Você tem uma pressão lá por “*personal best*”, que é o “PB”. Então, é, você tá sempre tentando uma *superação*, e ao seu lado as pessoas estão se superando. Então, isso pode funcionar para dois lados, pode te motivar a se superar. Ou pode te motivar querer superar as pessoas que estão ao seu lado.

Se partimos o substantivo “superação” em suas partículas formadoras, temos a junção de um adjetivo e um substantivo, que resultam na combinação “super-ação”. Ora, somos então redirecionados aos relatos de Jordan, que narra sua trajetória para se tornar um homem “acima do normal”, isto é, um super-homem. Uma mera ação não corresponde às demandas acatadas por Jordan. Para ser recompensado tal qual um super-homem, com poderes sobrenaturais, ele precisa batalhar contra si e contra o outro, para alcançar a magia proporcionada pela super-ação. É o que promete a máxima neoliberal proferida por Anne: “você deve tentar ser a sua melhor versão”.

¹² Anne é uma engenheira química de 32 anos. Ela atua nas Forças Armadas e, atualmente, está realizando seu doutorado. Hoje, busca manter hábitos saudáveis no que diz respeito à alimentação e práticas de exercício físico, priorizando um “equilíbrio”.

Assim, é nutrida a fantasia que distancia o sujeito de se haver com uma verdade demasiadamente crua e amedrontadora. Alimenta-se, assim, a fantasia de que “a morte se deve hoje a desleixo técnico” (HERRMANN e MINERBO, 1998, p. 28).

4.3 Entre o ideal de beleza e o ideal de saúde: novas configurações

Conforme investigado na seção 1: “Os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação”, enquanto a cultura da dieta explicitava seus ideais gordofóbicos, a indústria do bem-estar parece visar um distanciamento do pressuposto de que o alvo seria o corpo belo, enaltecendo a saúde, e não a magreza, como o objetivo final a ser perseguido. Enquanto antes determinadas práticas alimentares e físicas eram disseminadas sobretudo em nome da beleza, hoje elas parecem ser proferidas em prol da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida (ALVES e LIEDKE, 2023; GORDON, 2020). Na superfície, esses discursos parecem se diferenciar radicalmente. No entanto, uma investigação mais apurada permite identificar uma série de semelhanças entre eles.

Jordan, ao discorrer sobre sua concepção de saúde, relata: “saudável para mim seria aquele *corpo* que tipo... Um corpo saudável seria aquele corpo, não sei explicar exatamente, mas nem... nem sobrepeso, nem abaixo do peso”. É importante salientar que o participante não foi sugestionado a discorrer sobre um corpo saudável, e sim sobre a sua concepção de saúde de modo abrangente, considerando a importância atribuída por ele ao tema. Nesse sentido, evidencia-se como o entendimento de saúde parece estar associado à aparência do corpo, isto é, o corpo parece ser tomado como uma vitrine da saúde, a qual parece ser avaliada de acordo com a faixa de peso corporal do sujeito.

Apesar de também mencionar o baixo peso como fator de risco à saúde, Jordan continua o seu relato listando uma série de prejuízos que estariam atrelados à gordura. Dessa forma, começam a se desvelar paralelos entre o ideal da saúde perfeita e o ideal da beleza, visto que a saúde parece estar sendo concebida tendo como parâmetro o peso corporal. De acordo com esse parâmetro, é o corpo gordo que revelaria uma má saúde. O ideal de saúde pode ser pensado, portanto, como o tronco de uma árvore cujas raízes estão imersas num solo fecundo de ideais estéticos onipresentes. É nesse sentido que Bayão e Damous (2020, p. 181) indicam que “na contemporaneidade, estar ou ser saudável remonta [...] a valores como boa forma,

longevidade, beleza e saúde, caracterizando os novos desviantes como aqueles que se afastam destes princípios”. Em outras palavras, embora hoje o discurso em torno do corpo valorizado esteja enredado na moralidade dietética, continua sendo o corpo jovem e magro que reflete os valores da cultura.

Nesse contexto, o corpo gordo se caracteriza como um desvio moral, e o obeso se torna o mau-exemplo. A máxima popularizada nos Estados Unidos, *the war on obesity* [a guerra contra a obesidade], já indica a violência direcionada a estes corpos que ousam desobedecer o imperativo da magreza (GORDON, 2020). São corpos estigmatizados visto que teriam falhado na autogestão da saúde, e isto seria denunciado por sua gordura, exposta aos olhares vigilantes: “qualquer conduta que se afaste das regras normativas da boa saúde comporta uma conotação negativa, sendo praticamente um indicativo de fracasso no que se refere à gestão de si” (BAYÃO e DAMOUS, 2020, p. 174).

Considerando que o fracasso estaria exposto na aparência física, como um meio para avaliar a saúde, então a saúde - e, portanto, o sucesso - estaria sentenciada a um corpo magro. Jordan, narrando momentos de sua vida em que se percebeu tomado em demasia pela sua imagem, adverte que é importante prezar por um objetivo “que não leve a esse estado quase que doentio de, poxa, deu tô *trocando a estética por saúde*-, opa, trocando a saúde por estética”. O ato falho na enunciação do participante parece indicar que o verdadeiro “estado doentio” seria priorizar a saúde em detrimento da aparência física, e não o contrário. Este ato falho nos leva de encontro aos pressupostos da cultura da dieta, que enaltecem o corpo esbelto acima de qualquer outro elemento. Em suma, percebe-se que os fantasmas vinculados à demanda de um corpo perfeito não se dissiparam, apenas se encontram encobertos por um novo véu.

Durante a entrevista, Jordan descreve momentos em que já se viu “escravo do desejo” de aprimorar sua aparência física, mas que hoje este não seria mais o seu foco, visto que, na verdade, “eu nunca me importei, entre aspas, né?”. No sentido psicanalítico, poderia-se pensar na posição de Jordan como sendo compatível à de um “escravo da demanda do Outro”, e não do desejo, visto que a partir do contexto de seu relato, o desejo parece estar obstaculizado. A fixação na demanda do Outro - [“seja homem!”] - impede a circulação do desejo. Conforme vimos na seção “2.4 A dimensão do desejo na recusa do alimento”, se a demanda permanece imobilizada, não há como o desejo se dialetizar, visto que ele se produz justamente na articulação

entre as demandas insatisfeitas, como efeito de significação a partir da articulação entre os significantes da cadeia (DOR, 1989). Os quatro tempos da demanda - “Eu te peço que recuses o que eu te ofereço porque não é isso” (LACAN, 1972/2012, p. 79) - nos auxiliam a pensar no caso de Jordan, o qual obedece de modo implacável a demanda oriunda do Outro, resultando no impedimento do deslocamento do desejo (FORTES, 2011)

Dando continuidade ao seu relato, Jordan que atualmente não gasta sequer um minuto pensando sobre sua imagem mas que, em função dos seus treinos, a boa aparência física é “incidental”. Em seguida, ele revela uma inquietação:

Eu também não sei, eu também não sei... se pode ser um mecanismo que eu tenha de lidar com isso. Não sei se eu tô me enganando, sabe? [...] De meio que fingir para mim mesmo que eu não me importo, sabe? [com a aparência] ... Não sei, mas para mim eu sinto que não... mas não sei se eu tô me enganando.

O entrevistado ora se questiona sobre o que poderiam ser suas genuínas intenções nos treinos, ora se reafirma no que já diz ter superado; ora a fantasia se desbota, ora se realça. Ao mesmo tempo em que o participante aponta diretamente para um ponto de angústia, ele rapidamente se retrai e retorna àquilo que lhe é mais familiar: a própria fantasia. Há um saber do qual não se quer saber.

Conforme sinalizado por Jorge (2020), a realidade psíquica é uma realidade, essencialmente fantasística, construída por cada sujeito no decorrer de sua constituição para fazer frente ao incompreensível, ao enigma do desejo do Outro. Assim, a forma com que cada um se relaciona consigo, com o outro e com o mundo é filtrada por uma espécie de tela fantasística, inteiramente singular. Isso implica considerar que, na neurose, não há relação com a realidade externa que não seja mediada pela fantasia. Entende-se, portanto, que a fantasia é estruturante, pois se apresenta como uma espécie de envoltório que circunda o sujeito e media suas interações com o mundo. É um modo de organização que indica como o sujeito irá se localizar em relação àquilo que lhe falta (SIMÕES, 2014).

Para que possamos prosseguir, é importante ressaltar, ainda que de modo breve, o elo entre desejo e fantasia. Conforme explorado nas seções “2.3 Os sintomas alimentares e algumas hipóteses psicanalíticas” e “2.4 A dimensão do desejo na recusa do alimento”, o desejo apresenta uma relação estrita com a falta - ele anuncia de modo obstinado a presença de algo que se ausenta. É a fantasia que localiza o objeto supostamente capaz de tamponar a falta que, como já vimos, é incapaz de ser

preenchida. Sem ela, o sujeito se encontraria diante de uma realidade inconcebível (JORGE, 2010; 2020).

É a partir da fantasia que também pode ocorrer uma fixação ao objeto colocado no lugar da falta. O fascínio pelo objeto, aparentemente capaz de suprir todas as demandas do sujeito, funciona como uma defesa contra o desejo, naquilo que ele se mostra em sua estrutura metonímica. Portanto, a fantasia também se vincula a experiência do sofrimento e é indissociável da produção dos sintomas (JORGE, 2010; 2020).

Retomemos o caso de Jordan. Enquanto ele relata ter deixado para trás o seu sintoma, a “pira de estética”, focando hoje puramente em seu desempenho esportivo e na sua saúde, em alguns momentos ele suspeita que possa estar se enganando, e que, no fundo, continua preso à mesma “pira”. À medida que se aproxima dessa hipótese, logo a dispensa, visivelmente incomodado; ao se aproximar do teor de sua fantasia, se cala. Não é de surpreender, visto que a fantasia remete a uma construção psíquica que permite ao sujeito obter uma satisfação pela via do sintoma, isto é, uma satisfação a partir daquilo que ele mesmo se queixa e da qual não quer saber: “a fantasia nos cega para o gozo” (FINK, 2018, p. 237). Atravessar a fantasia implica um processo árduo em que o sujeito se depara com as construções simbólico-imaginárias que dão sentido à realidade (JORGE, 2010).

Diante do exposto, poderíamos hipotetizar que Jordan se relaciona com a falta através das práticas alimentares e físicas, as quais, por intermédio de suas fantasias, resultam na imagem de um corpo forte e atraente - corpo este infalível, completo, íntegro. No exato ponto onde se encontra o furo da linguagem, Jordan elege técnicas do corpo para fazerem frente ao enigma do desejo do Outro.

4.4 A busca adoecedora pela saúde: um caso de compulsão

Anne é uma mulher brasileira de 35 anos. Atualmente, ela se dedica a sua tese de doutorado em uma faculdade pública, pesquisando um tema que, segundo ela, nem mesmo a sua orientadora domina. Ela pretende se tornar uma referência no tema no Brasil.

Na infância, a alimentação de Anne era restrita. Sua avó, encarregada de sua alimentação e da de seu irmão, apresentava uma concepção limitada do que constituiria uma alimentação saudável: “a minha avó trabalhou em hospital durante

muitos anos, e ela tinha na cabeça dela que comida saudável era comida de hospital [...] Ela implementava em casa a mesma distribuição de alimentos do hospital”. Neste contexto, Anne se alimentou das mesmas comidas, em todas as refeições, dos três até aproximadamente os dezesseis anos de idade: “era péssimo, eu detestava, só que eu não tinha opção”. Hoje, Anne sente repulsa dos alimentos que fizeram parte da sua rotina na infância e adolescência.

Ao finalizar o ensino médio, Anne tomou a decisão de seguir carreira nas Forças Armadas. Uma vez tendo entrado para o serviço militar, passou um longo período realizando atividades físicas que lhe geravam enorme desprazer:

Era uma coisa que *fugia do meu controle, eu tinha que fazer*, fazia parte da minha formação. Se você me perguntar, você gostava de correr nessa época? Não, *eu detestava*. E por que que eu fazia? Porque era obrigatório. Não era algo que eu tinha prazer, era algo que eu *tinha que fazer*.

Anne relata sempre ter tido uma grande autocobrança, assim como uma “natureza competitiva”. Ao estabelecer uma meta, faz de tudo para alcançá-la, pois diz não saber desistir. Para uma viagem que fez no verão, em que tinha consciência que seu corpo ficaria exposto, iniciou uma dieta com o objetivo de emagrecer. A nutricionista de Anne a alertou que ela não poderia permanecer nessa dieta por mais de vinte dias, visto que, pelo nível de restrição calórica envolvido, inevitavelmente acabaria fracassando. Mas Anne não teve problemas com isso. Cumpriu a dieta à risca e alcançou o resultado almejado. Ela descreve, com orgulho, que ao final do processo, sua nutricionista lhe disse: “você não errou”. Vinte dias foram o suficiente para o objetivo pretendido, até porque, como Anne coloca: “você tem prazeres que você tem que cumprir também!”

A mesma autocobrança que gera os resultados dos quais Anne se orgulha, também provoca sofrimento. Quando decidiu se dedicar à atividade física, logo sentiu que aquilo que originalmente tinha o intuito de servir como uma válvula de escape ao estresse no trabalho, ocasionou numa nova fonte de estresse: “eu só sentia a pressão de que 'eu tenho que me superar', 'eu tenho que ser melhor do que ontem', 'eu tenho, e eu tenho, e eu tenho, e eu tenho...’”. Durante os treinos vigorosos, Anne se empenhava a ponto de sentir náuseas intensas, as quais acarretavam em refluxos e vômitos. Mesmo assim, diz que “por conta do aspecto mental, eu não conseguia parar”. A sua autoexigência no esporte resultou em diferentes questões de saúde, como um quadro de pré-diabetes.

Durante a pandemia, período em que o convívio social se tornou praticamente inexistente, a relação de Anne com a atividade física se estreitou: “ficou muito simbiótica, sabe?” Os exercícios se tornaram a principal companhia de Anne. Foi quando ela, ao ver um desafio na internet que propunha a prática de atividades físicas por 21 dias sem descanso, optou por encarar o desafio. E assim fez. Mas, ao alcançar os 21 dias, escolheu ampliar o prazo: “quem bate 21 bate 30, né? Então dos 30 foram 40, dos 40 foram 50, dos 50 foram 60, 75, 80, 90, 100. Foram 100 dias sem nenhum dia de descanso”. Ainda assim, parar nos 100 dias era como uma desistência. Quando Anne descreve o desafio dos 21 dias que se tornaram 100, ressalta-se a homofonia entre o número “100” e a preposição “sem”. Trata-se mesmo de um desafio sem dias, visto que se estende para a posição subjetiva de Anne em outros âmbitos da sua vida; frente ao Outro demandante, Anne obedece, sem dias, sem exceções.

As pessoas ao redor de Anne já estavam preocupadas, sobretudo a sua mãe, seu *personal trainer* e sua nutricionista. Percebendo os prejuízos físicos e mentais que o desafio parecia estar ocasionando, eles questionavam: “será que não está na hora de parar?” Foi assim que, ao conversar com a sua mãe no dia 101, Anne, que “simplesmente não largava o osso”, quebrou o ciclo:

O dia 101 foi o dia que a minha mãe passou o dia inteiro comigo no telefone - eu morando em São Paulo, e ela aqui em Florianópolis - porque ela falou para mim: “eu sei que se eu desligar, você vai treinar.” E era verdade. Esse dia foi o dia que eu mais fiquei no telefone com a minha mãe: foram 5 horas de ligação. Ela ficou comigo até dar meia-noite, porque no momento em que desse meia-noite, eu tinha perdido aquele dia, e aí eu ia parar.

Anne relata que todo o seu histórico com a alimentação e a atividade física contribuiu para que ela criasse uma “rede profissional de cuidados [...] Um tá ali para cuidar da minha saúde mental, o outro para cuidar da minha saúde fisiológica, o outro para cuidar da minha saúde física”. Afirma que sua nutricionista brinca, dizendo: “você não precisa mais de mim. Você já sabe como é se alimentar bem”, ao que Anne responde “só que eu preciso! Eu preciso da pessoa dizendo exatamente o que eu tenho que comer!”

Hoje, Anne descreve que a sua relação com o alimento e com o próprio corpo é muito mais saudável do que na infância, quando a responsabilidade era dos adultos que a cercavam. Agora, na vida adulta, consegue arcar com o custo da contratação de profissionais do cuidado, tornando possível “mudar completamente a minha relação com essas áreas”.

O caso de Anne permite refletir sobre uma série de processos psíquicos que podem estar envolvidos na eclosão do sintoma da compulsão que, no relato, toma forma como uma compulsão pela atividade física.

Para que possamos prosseguir em nossa análise, faz-se necessário retomar brevemente o conceito de pulsão, tanto para pensar no ato compulsivo, quanto para pensar no que Freud denomina de compulsão à repetição (1920/2020). A compulsão à repetição se desenvolve como conceito na obra freudiana ao mesmo tempo em que o psicanalista passa a reformular a sua teoria pulsional, afastando-se da oposição inicial entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, e adotando uma nova perspectiva de dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte (MADEIRA, 2023). Como o conceito de compulsão à repetição emerge justamente em um contexto de reformulação da teoria das pulsões, julga-se pertinente nos voltarmos ao conceito metapsicológico fundamental para o arcabouço da psicanálise: a pulsão.

A pulsão pode ser pensada como uma expressão psíquica de uma questão do corpo, sendo um conceito-limite entre o psíquico e o somático. Tendo origem no corpo, ela provoca uma excitação que exige escoamento. Através de uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico, a pulsão busca apaziguar a tensão oriunda dessa excitabilidade (PIMENTEL, 2022). Para isso, ela elege um objeto que a satisfaça, mas essa satisfação será sempre parcial, visto que não há um objeto específico que possa satisfazê-la - o objeto da pulsão é o mais variável (FREUD, 1915/2020; MADEIRA, 2023; PIMENTEL, 2022). No caso de Anne, pode-se pensar na atividade física como objeto da pulsão, a qual visa eliminar a tensão oriunda de um excesso de excitabilidade no corpo.

Nos fenômenos de repetição, evidencia-se o caráter imperioso da pulsão, que exige satisfação de modo incessante, em razão do que Freud (1920/2020) chama de princípio do prazer. A pulsão insiste, mas a realidade impõe barreiras a este pedido contínuo, negando a ordem da pulsão - é o princípio de realidade (FREUD, 1920/2020; JORGE, 2020). Mas como vimos, a pulsão é inexorável: ela não abrirá mão de sua exigência de satisfação. Desse modo, quando a realidade externa nega a exigência da pulsão, entra a fantasia, mediando a relação do sujeito com o mundo. Pela fantasia, a pulsão prossegue em busca da satisfação, agora contornando os limites da realidade externa, visto que a fantasia oferece caminhos substitutos à satisfação negada pela realidade.

A exigência da pulsão por satisfação nem sempre encontra meios pacíficos para triunfar. Por vezes, o excesso da excitabilidade libidinal pode exceder a capacidade psíquica de escoamento da tensão, transbordando-se sobre o corpo para atingir a satisfação. Tomemos como exemplo o relato de Anne: diante de uma demanda da pulsão, oriunda do corpo e feita ao aparelho psíquico, o excesso de excitação incapaz de ser escoado pelo trabalho psíquico é redirecionado ao corpo, levando a participante ao ato compulsivo. Birman (2012/2022, p. 84) caracteriza a compulsão como:

uma modalidade de agir caracterizada pela repetição, já que o alvo da ação não é jamais alcançado. Daí a sua repetição incansável, sem variações e modulações, que assume o caráter de imperativo, isto é, impõe-se ao psiquismo sem que o eu possa se deliberar sobre o impulso que inevitavelmente se impõe.

A partir da história de Anne, nota-se uma repetição da cena de desprazer vivenciada em sua infância, quando se percebia impossibilitada de fazer escolhas acerca dos alimentos a serem consumidos. A posição da participante nessa cena se reproduz em outros momentos, quando se vê forçada a realizar atividades que odiava nas Forças Armadas, impelida a “se superar” nos exercícios mesmo com o desconforto da náusea, e, por fim, no desafio dos 21 dias que se tornaram 100, no qual se sentia impossibilitada de “largar o osso” apesar de sua exaustão. Talvez justamente porque “largar o osso” implicaria numa renúncia de satisfação, satisfação esta conquistada pelo triunfo da pulsão na repetição da cena traumática. Ou seja, embora o ato compulsivo implique sofrimento, também abrange a realização de uma satisfação pulsional (FREUD, 1920/2020; PIMENTEL, 2022).

No caso de Anne, poderíamos pensar também no que Freud (1920/2020) denomina de compulsão à repetição, quando o sujeito repete de modo compulsivo uma posição que, aparentemente, só causa desprazer, justamente porque há uma satisfação inconsciente (PIMENTEL, 2022). O ato compulsivo de Anne, em constante reprodução, se impõe a partir de um funcionamento pulsional que revela algo de mortífero: o caráter destrutivo inerente à pulsão de morte. Observamos o mecanismo da pulsão de morte em busca de uma redução completa das tensões através do sintoma. Trata-se de uma tendência à destruição das unidades vitais, reconduzindo o sujeito ao estado anorgânico que se supõe ser o de repouso absoluto (PIMENTEL, 2022). Enquanto o aparelho psíquico não for capaz de escoar o excesso das tensões,

encontrando uma representação psíquica para o afeto em circulação, estas continuarão transbordando sobre o corpo e a compulsão à repetição prevalecerá.

Eis aí um paradoxo. Na busca pela saúde através de uma alimentação nutritiva e da prática regular de exercícios físicos, Anne padece em função dos conflitos psíquicos oriundos de sua história; é no esforço de obter saúde que Anne adocece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo se constitui hoje como o registro privilegiado nas descrições do mal-estar (BIRMAN, 2012/2022). Todos parecem padecer de um corpo faltante, corpo este que também é tomado como uma vitrine do sujeito, capaz de exibir alguns dos maiores ideais da contemporaneidade - a saúde, a juventude e a beleza. Os saudáveis, os jovens e os belos são os corpos alinhados ao *modus operandi* neoliberal, exibindo na própria aparência os princípios que regem este modelo. O corpo é tomado como parâmetro; é ele que atesta o valor do sujeito na cultura (BAYÃO e DAMOUS, 2020; GORDON, 2020).

Ao longo deste estudo, apoiados nos princípios metodológicos que respaldam a pesquisa em psicanálise, procuramos investigar os modos com que os sujeitos se relacionam com o corpo e com a alimentação na atualidade, visando compreender as respostas subjetivas que emergem frente ao mal-estar na cultura. No decorrer da investigação, buscamos ainda identificar os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação, verificar os impactos desses discursos na relação dos sujeitos com suas imagens e práticas alimentares, assim como analisar o modo pelo qual se configuram as suas respostas diante do mal-estar contemporâneo. Com o intuito de esclarecer os achados relacionados aos objetivos propostos, retomaremos agora alguns pontos relevantes das seções desenvolvidas neste trabalho.

Na seção 1, vimos alguns dos discursos que perpassam a cultura ocidental contemporânea, entendendo-os como verdadeiros objetos sócio-históricos imbuídos de ideologias (ORLANDI, 2001). Desse modo, foi possível compreender como a relação do sujeito consigo e com o Outro é organizada por práticas discursivas vigentes no meio social. Identificamos que os ideais corporais e dietéticos difundidos hoje se enlaçam à lógica neoliberal, que associa o corpo e a alimentação ao

desempenho, ao autogerenciamento e ao sucesso (ALVES e LIEDKE, 2023; BAYÃO e DAMOUS, 2020; PIMENTEL, 2022).

Levar em consideração que a forma do sujeito se relacionar com o seu corpo e com as práticas alimentares passa necessariamente pelo que é transmitido pelo campo da linguagem, nos coloca em contato com uma investigação sobre como teriam se estabelecido essas relações em outros momentos históricos. Na seção 2 verificamos que, à medida que o panorama cultural se transforma, as práticas de cuidado com o corpo e com a alimentação passam a adquirir diferentes significados. Há, portanto, uma constante: o mal-estar na cultura, descrito por Freud (1930/2020) como incontornável. É o teor deste mal-estar, e não o mal-estar propriamente dito, que sofre alterações (BIRMAN 2012/2022; FERNANDES, 2011).

Embora o cenário simbólico que circunda as experiências com o corpo se altere ao longo do tempo, existem experiências subjetivas inerentes aos seres de linguagem que se repetem. Nesse sentido, abordamos o papel do alimento e do corpo na constituição do sujeito, tal como compreende a teoria psicanalítica. A partir do que foi explorado na seção 3, entendemos que o mal-estar do sujeito expresso através da relação com a comida e com a própria imagem comporta um caráter singular.

Enquanto algumas vertentes psiquiátricas visam agrupar sintomas para nomear e compreender diferentes modalidades de sofrimento, a psicanálise se ocupa do que há de mais singular revelado pelo sintoma (PIMENTEL, 2022). É em função da consideração pela singularidade do sujeito, articulado ao contexto social em que ele se insere, que desenvolvemos a seção 4, na qual nos debruçamos sobre a mediação do discurso da saúde - proeminente na contemporaneidade - na relação do sujeito com o corpo e o alimento. As hipóteses apresentadas nesta seção são resultado da análise do material coletado nas entrevistas realizadas com os três participantes deste estudo.

Vimos que a prática alimentar não é alheia ao mundo simbólico, inserindo-se hoje numa moralidade pautada nas regras normativas da boa saúde, a qual abarca os hábitos alimentares (HERRMANN e MINERBO, 1998; SADDI, 2020). Nesse contexto, se faz presente a obrigação moral de ser um “comedor competente” (BAYÃO e DAMOUS, 2020, p. 178), que, através das práticas alimentares “corretas”, em conjunto com técnicas do corpo eficazes, alcançaria a tão almejada saúde perfeita. O sujeito se tornaria, assim, uma espécie de “deus-protético” (FREUD, 1930/2020, p. 340), supostamente capaz de aniquilar qualquer ameaça à integridade

do organismo por meio de estratégias de gerenciamento do corpo (BIRMAN, 2012/2022). Observamos uma fantasia relacionada às limitações corpóreas, na qual a certeza da finitude parece ser colocada em questão, indicando que o paradigma da "saúde perfeita" pode apontar para uma tentativa de distanciamento do desamparo inerente à condição humana.

Com o distanciamento desta verdade existencial, experienciado com base na lógica do desempenho, difunde-se a ideia de que basta um esforço suficiente para que seja possível, finalmente, alcançar o segredo da vida eterna (BIRMAN, 2004). Na tentativa de driblar o encontro com o desamparo, adotam-se práticas enredadas na moralidade dietética, num discurso de que tudo é possível desde que o sujeito se empenhe para isso (BAYÃO e DAMOUS, 2020).

Ainda na seção 4, verificamos que, pela mediação da fantasia, a aparência do corpo parece ser tomada como uma vitrine da saúde. Apesar do atual enfoque em um "estilo de vida saudável", é a cultura da dieta que parece, ainda, vigorar. Isto é, os fantasmas vinculados à demanda de um corpo esteticamente perfeito não se dissiparam, apenas se encobriram sob um novo véu. Nesse sentido, a saúde estaria sentenciada a um corpo esbelto (BAYÃO e DAMOUS, 2020; GORDON, 2020).

Por fim, abordando os conceitos de pulsão e fantasia, apresentamos um caso que indica um paradoxo: a busca implacável pela saúde pode implicar num processo de adoecimento. Isto é, a receita supostamente infalível para uma boa saúde - uma alimentação nutritiva aliada à prática regular de exercícios físicos - não oferece ao sujeito uma garantia contra a experiência do mal-estar. Pelo contrário, hoje observamos que as estratégias de cuidado voltadas para a erradicação deste mal, que estaria localizado de modo privilegiado no corpo, podem elas mesmas constituírem novas facetas de sintomas já conhecidos (BAYÃO e DAMOUS, 2020; BIRMAN, 2012/2022; FERNANDES, 2011; GORDON, 2020).

Como vimos no início deste trabalho, têm circulado no meio social novas nomenclaturas, como "ortorexia" e "vigorexia", que buscam circunscrever formas aparentemente inéditas de sofrimento psíquico relacionadas à alimentação e à imagem do corpo (FEITOSA FILHO, 2014; MARTINS et al, 2011). O desenvolvimento do presente estudo indica como essas terminologias se articulam ao mal-estar na cultura contemporânea. Mal-estar este que é estruturado por discursos relacionados ao gerenciamento do corpo e da alimentação. Predomina hoje a ideia de que a boa alimentação é a alimentação "limpa", garantidora da pureza do corpo bom (BAYÃO e

DAMOUS, 2020). Além disso, por meio das práticas físicas, estimula-se o empenho para alcançar o corpo todo-poderoso: forte, eficaz, veloz e imune aos efeitos do tempo. O aprisionamento psíquico do sujeito a uma dessas esferas - seja pela fixação na “boa alimentação”, seja pela imagem do corpo que nunca parece estar forte o suficiente - seria indicativo de modalidades de mal-estar com a comida e com o corpo, mas com traços que os distinguem dos transtornos tradicionais descritos no DSM-V (APA, 2014).

Considerando o escopo desta pesquisa, seja ou não a adoção de novas nomenclaturas pertinente, concluímos que existem elementos mais fecundos a serem ponderados neste momento. Embora tenhamos abordado as articulações entre os discursos hegemônicos e o mal-estar na cultura contemporânea, sobretudo no que diz respeito à relação do sujeito com o corpo e com a alimentação, há muito a ser aprofundado em relação às configurações dos sintomas alimentares e corpóreos na atualidade. Não se trata de atribuir uma causalidade cultural às diferentes formas de mal-estar com o corpo, e sim de buscar compreender como a cultura hodierna pode atuar como “favorecedora e mantenedora de certos modos de funcionamento psíquico, privilegiando a emergência de determinadas patologias e não de outras” (FERNANDES, 2011, p. 8).

É num complexo e intrincado arranjo entre dinâmicas psíquicas singulares e elementos contextuais e culturais que se desdobra o sofrimento do sujeito (ROSA, 2004). Dito de outro modo, é na articulação entre a imprevisibilidade do aparelho psíquico e os ímpetus culturais em vigor, que as modalidades de sofrimento psíquico podem adquirir novas feições (FERNANDES, 2011). Se, hoje, terminologias como ortorexia e vigorexia ganham destaque, isso parece estar associado a uma atualização de modalidades de mal-estar com a comida e com o corpo a partir das leis da cultura contemporânea (PIMENTEL, 2022). Trata-se de estarmos atentos aos discursos que permeiam os campos da linguagem e do corpo, sem perder de vista o caráter radicalmente singular do mal-estar do sujeito.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Fernanda Guerra Roman Náufel do. **Até o osso: fome, ideologia e identidade no Brasil**. 2022. 76f. Monografia (Graduação em Psicologia) - UniCEUB, Brasília, 2022.
- ALVES, André & LIEDKE, Lucas. Desvios de beleza. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3YqnB8G3mH5SZlfjyb2o?si=ty-g1k7aQnyBNhAvjtbpfA>> Acesso em: 5 out. 2022.
- ALVES, André & LIEDKE, Lucas. Detox. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3G94UgcwHK4v9GAqjIAjq2>> Acesso em: 14 mar. 2023.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- BAYÃO, Bianca; DAMOUS, Issa. Ortorexia: problematizando a busca pela alimentação saudável na contemporaneidade. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 10, n. 2, p. 173-183, 2020.
- BEER, Paulo. **Psicanálise e ciência: um debate necessário**. Editora Blucher, 2017.
- BIANCO, Anna Carolina Lo. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. **Psico-USF**, v. 8, p. 115-123, 2003.
- BIDAUD, Eric. Anorexia mental, ascese, mítica: uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- BIRMAN, Joel. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. **Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro**, 17, 175-195, 2004.
- _____. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012/2022.
- CHESNEY, Edward; GOODWIN, Guy & FAZEL, Seena. Risks of all-cause and suicide mortality in mental disorders: a meta-review. **World Psychiatry**, v. 13, n. 2, p. 153-160, 2014.

CHOPRA, Deepak. **Você tem fome de quê?**: A solução definitiva para perder peso, ganhar confiança e viver com leveza. São Paulo: Alaúde, 2014.

CODEÇO, Fábio. Era dos filtros: a busca pela estética perfeita nas redes sociais. Veja, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/beira-mar/filtros-estetica-perfeita-redes-sociais/>> Acesso em: jul. 2022.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

DAVIES, Anna. **Jovens fazem cirurgias plásticas para ficarem parecidos com suas selfies com filtro**. BBC, 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>> Acesso em: jul. 2022.

DOR, Joel. Metáfora - metonímia e supremacia do significante. In: **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNANDES, Maria Helena. O corpo e os ideais na clínica contemporânea. **Revista Brasileira de psicanálise**, v. 45, n. 4, p. 43-55, 2011.

FINK, Bruce. Introdução clínica à psicanálise lacaniana. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. In: IANNINI, Gilson. Belo Horizonte: Autêntica, 1920/2020, p. 57-220.

_____. **As pulsões e seus destinos**. In: IANNINI, Gilson. Belo Horizonte: Autêntica, 1915/2020, p. 13-69.

_____. Introdução ao Narcisismo. In: EUVALDO, Célia. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1916[1914]/2010, p. 13-50.

_____. O Eu e o Id. In: EUVALDO, Célia. **O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1923/2011, p. 11-64.

_____. O mal-estar na cultura. In: IANNINI, Gilson. **Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1930/2020, p. 305-410.

_____. O problema econômico do masoquismo. In: IANNINI, Gilson. **Neurose, psicose, perversão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1924/2020, p. 287-303.

_____. Psicologia das massas e análise do eu. In: IANNINI, Gilson. **Cultura, sociedade, religião: o mal estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1921/2020, p. 137-232.

_____. Lembrar, repetir e perlaborar. In: IANNINI, Gilson. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 1914/2020, p. 151-163.

_____. A sexualidade infantil. In: EUVALDO, Célia. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria [“O caso Dora”] e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1905[1901]/2016, p. 73-120.

FEITOSA FILHO, Odimar Araújo. Um Olhar Psicanalítico sobre a Vigorexia. **Revista Subjetividades**, v. 14, n. 1, p. 162-171, 30 abr. 2014.

_____. **Vigorexia: uma leitura psicanalítica**. 150f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

FORTES, Isabel. Anorexia: o traço da obstinação na clínica psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, p. 83-95, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2006/1984.

GASPAR, Fabiana Lustosa. A violência do outro na anorexia: uma problemática de fronteiras. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, p. 629-643, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana. Entrevista com Claude Fischler. **Horizontes antropológicos**, v. 17, p. 235-256, 2011.

GORDON, Aubrey. **What we don't talk about when we talk about fat**. Boston: Beacon Press, 2020.

GOUGH, Christina. WELLNESS INDUSTRY - STATISTICS & FACTS. Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/1336/wellness-and-spa/#topicOverview>> Publicado em: 16 fev. 2023. Acesso em: 11 mai. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARRISON, Christy. **Anti-Diet: Reclaim your time, money, well-being, and happiness through intuitive eating**. Nova York: Little, Brown Spark, 2019.

HERRMANN, Fábio; MINERBO, Marion. Creme e castigo - Sobre a migração dos valores morais da sexualidade à comida. **Psicanálise de fim de século: ensaios críticos**. São Paulo: Hacker Editores, 1998.

HOWE, Neil. You're Not The Man Your Father Was. Forbes, 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/neilhowe/2017/10/02/youre-not-the-man-your-father-was/?sh=42c2fe348b7f>> Acesso em: 17 mai. 2023.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: O corpo entre o sujeito e a ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan Volume 2: A clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Aula: A fantasia na psicanálise | #NoDivã. Youtube, 17 out. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TnouiDkBomw>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972/2012.

_____. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1958/1998.

LAGOAS, Juliano Moreira. A Ética dos prazeres em Aristóteles: um estudo a partir da "História da sexualidade", de Michel Foucault. **Mal-Estar e Sociedade**, v. 6, n. 10, p. 125-147, 2013.

MADEIRA, Maria Ormy Moraes. A pulsão. 6 mar. 2023. Corpo Freudiano Núcleo de Brasília.

MARTINS, Márcia Cristina Teixeira et al. Ortorexia nervosa: reflexões sobre um novo conceito. **Revista de Nutrição**, v. 24, n. 2, p. 345–357, 2011.

NASIO, J.-D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NEUMARK-SZTAINER, D. **I'm, Like, SO Fat!**. New York: Guilford, 2005.

OLIEN, Darin. **SuperLife: as 5 forças que o deixarão saudável, em forma e sentindo-se incrível para sempre**. Rio de Janeiro: Alta Life, 2023.

OLIVEIRA, Flavia Lana Garcia de; SANTOS, Tania Coelho dos. Considerações sobre as anorexias e as especificidades das neuroses contemporâneas. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 21, n. 2, p. 309-330, jun. 2018.

ORBACH, Susie. **Fat Is a Feminist Issue**. New York: Paddington Press, 1978.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

PENA, Dayane Costa de Souza; CALAZANS, Roberto. ANOREXIA E TRAGÉDIA: O POSICIONAMENTO PARADOXICAL DO SUJEITO FRENTE AO OUTRO E AO DESEJO. **Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 14, n. 1, 2016.

PIMENTEL, Fernanda. *Anorexia: um sintoma contemporâneo*. 2013. 141f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PIMENTEL, Fernanda. Anorexias, bulimias e compulsões. Portal ESPE. Disponível em: <<https://espe.app.toolzz.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

ROCHA, Zeferino. Desamparo e metapsicologia. **Síntese: Revista de Filosofia**, v. 26, n. 86, 1999.

ROSA, Miriam Debieux. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Subjetividades**, v. 4, n. 2, p. 329-348, 2004.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n.1, p. 180-188, 2010.

RUDE, Nana. **Aos 70 anos, Bruna Lombardi publica fotos de biquini e impressiona pela boa forma**. 12 mai. 2023. Instagram: @nanarude. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsHwwkysiAK/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==> Acesso em: 14 mai. 2023.

SADDI, Luciana. Mentalidade de dieta, controle social do corpo e clínica contemporânea, p. 215-221. In: **Anais do II Simpósio Bienal da SBPSP. Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento**. São Paulo: Blucher, 2020.

SAFATLE, Vladimir. **É racional parar de dialogar**. Folha de S. Paulo. Ilustrada, São Paulo, 2017. , p. 10 mar. 2017. 8. Acesso em: 7 out. 2022.

SAFATLE, Vladimir; DA SILVA JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Autêntica Editora, 2021.

SEIXAS, Cristiane Marques et al. Fábrica da nutrição neoliberal: elementos para uma discussão sobre as novas abordagens comportamentais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista Famecos**, v. 11, n. 25, p. 68-84, 2004.

SILVA, Clarice Moreira da; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. O método psicanalítico de pesquisa e a potencialidade dos fatos clínicos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 36, p. 520-533, 2016.

SIMÕES, Alexandre. O que é a fantasia? Youtube, 19 ago. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TnouiDkBomw>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

SOLER, Colette. **O corpo no Ensino de Jacques Lacan**. Belo Horizonte: Papéis do Simpósio, 1989.

STATISTICS & RESEARCH ON EATING DISORDERS. Disponível em: <<https://www.nationaleatingdisorders.org/statistics-research-eating-disorders>> Acesso em: 18 set. 2022.

STICE, Eric et al. An 8-year longitudinal study of the natural history of threshold, subthreshold, and partial eating disorders from a community sample of adolescents. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 118, n. 3, p. 587-59, 2009.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991/2020.

VARELLA, Drauzio. Abuso de anabolizantes. Uol, 2021. Disponível em: <<https://drauziovarella.uol.com.br/drogas-licitas-e-ilicitas/abuso-de-anabolizantes-artigo/>> Acesso em: 20 mai. 2023.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Corpo, mal-estar e práticas alimentares na contemporaneidade

Pesquisador responsável: Juliano Moreira Lagoas

Pesquisadora assistente: Bruna Kreutz Ames

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos realizando. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo.

O nome deste documento é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Antes de decidir se deseja participar (por livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a expressar a sua concordância.

Antes de concordar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo geral deste estudo é investigar os modos com que os sujeitos se relacionam com o corpo e com a alimentação na contemporaneidade, buscando compreender as respostas subjetivas que emergem frente ao mal-estar na cultura.
- Você está sendo convidado(a) a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste na realização de uma entrevista individual semiestruturada, realizada virtualmente.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A entrevista será gravada em áudio, com o consentimento do participante, para facilitar o posterior trabalho de análise.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui baixos riscos, que são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas, durante a entrevista, serão tomadas para minimizar qualquer risco ou incômodo. Por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento gere qualquer tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo e pode desistir a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Bruna Kreutz Ames, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail plataformabrasil@saude.gov.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____
RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte desta pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de ____.

Participante

JULIANO MOREIRA LAGOAS

Juliano Moreira Lagoas
Celular: (61) 986030139, E-mail: juliano.lagoas@ceub.edu.br

BRUNA KREUTZ AMES

Bruna Kreutz Ames
Celular: (61) 998162903, Email: bruna.k.ames@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB
Bairro: Asa Norte
Cidade: Brasília - DF
CEP: 70790-075
Telefone p/contato: (61) 3966-1200

ANEXO B - Roteiro de perguntas para e entrevista semiestruturada

1. Gostaria de saber um pouco mais sobre você. Você poderia se apresentar?
2. O que você pensa sobre a ênfase atribuída hoje à alimentação saudável e aos corpos musculosos e definidos?
3. Como você descreveria a relação que você tem com o seu corpo atualmente?
4. E como é a sua relação com a comida?
5. Você poderia me falar um pouco sobre o papel dos exercícios físicos na sua vida?
6. Falamos um pouco sobre a relação que você tem hoje com o seu corpo, com a alimentação e com a atividade física. Como era no passado?
7. Existe algo que você gostaria que fosse diferente na forma que você lida com a sua imagem e com a comida? Se sim, o que?
8. Você gostaria de falar mais alguma coisa acerca dos tópicos que tratamos hoje?

ANEXO C – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CORPO, MAL-ESTAR E PRÁTICAS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE

Pesquisador: JULIANO MOREIRA LAGOAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 67885323.7.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.982.231

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa intitulado "CORPO, MAL-ESTAR E PRÁTICAS ALIMENTARES NA CONTEMPORANEIDADE", sob relatoria principal do Professor de Psicanálise e Epistemologia da Psicologia do Centro Universitário de Brasília Juliano Moreira Lagôas, Doutor em Psicologia Clínica e Cultural pela Universidade de Brasília (<http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>).

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília e as informações que seguem abaixo descritas constam nas Informações Básicas do Projeto e no Projeto de Pesquisa detalhado, ambos cadastrados na Plataforma Brasil.

- TIPO DO ESTUDO: Propõe-se a realização de pesquisa qualitativa voltada para a análise de como os sujeitos se relacionam com o corpo e com a própria alimentação na contemporaneidade, bem como dos discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação e os impactos destes na relação dos sujeitos com suas imagens e práticas alimentares. Para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas.

- DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES: Não há detalhamento dos participantes, informando-se apenas que serão participantes de grupos em redes sociais que discutam sobre saúde, alimentação e/ou

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.982.231

exercícios físicos e que revelem emotividade ou percepção sobre o tema.

- NÚMERO DE PARTICIPANTES DA PESQUISA: Prospecta-se a participação de 4 (quatro) pessoas.

- FORMA DE RECRUTAMENTO DOS PARTICIPANTES: O recrutamento proposto será feito por contato realizado por meio de redes sociais (Telegram, WhatsApp, Instagram, Facebook, etc.), selecionando-se os participantes a partir de seus discursos sobre o corpo, a alimentação e a prática de exercícios físicos. Utilizando-se de hashtags associadas ao tema, o pesquisador informa que entrará em contato com perfis ativos há no mínimo seis meses para garantir a participação. Segundo o projeto: "[o] critério para a seleção dos participantes deverá levar em consideração o cunho temático e afetivo das postagens feitas pelos usuários. De modo mais específico, os participantes selecionados deverão ter publicado postagens que contém referências à alimentação dita saudável e às práticas de exercício físico, sobretudo na presença de uma tonalidade de inquietação." Escolhidos os participantes, estes serão comunicados da pesquisa e convidados online.

- CRITÉRIOS DE INCLUSÃO: De acordo com o projeto de pesquisa, "[o] critério para a seleção dos participantes deverá levar em consideração o cunho temático e afetivo das postagens feitas pelos usuários. De modo mais específico, os participantes selecionados deverão ter publicado postagens que contém referências à alimentação dita saudável e às práticas de exercício físico, sobretudo na presença de uma tonalidade de inquietação."

- CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO: Não há identificação de critérios de exclusão.

- TIPO DE INSTITUIÇÃO ONDE SERÁ REALIZADO O ESTUDO: Propõe-se a realização de entrevistas online, por meio da plataforma do Google Meet.

- PROCEDIMENTOS QUE SERÃO REALIZADOS COM OS PARTICIPANTES: Para o desenvolvimento da pesquisa, serão adotados os seguintes procedimentos: inicialmente, a pesquisa será submetida ao Comitê de Ética e, após a aprovação, o pesquisador recrutará os participantes após levantamento exploratório de postagens que se encaixem aos propósitos da pesquisa; então, serão convidadas quatro pessoas para participar da pesquisa (estimando-se que sejam maiores de 18 anos), desde que realizado postagens de cunho afetivo e pessoal sobre temas como alimentação, imagem

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.982.231

corporal e prática de exercícios físicos. O contato inicial com os participantes será feito online, bem como as entrevistas, antecipadas pela leitura e assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), por meio da Plataforma do Google Meet.

- **MÉTODO DE COLETA DE DADOS/INFORMAÇÕES:** O método adotado para a pesquisa é o de entrevista semiestruturada. Inicialmente, serão identificadas as posições subjetivas dos participantes no discurso; a seguir, será feita a localização das repetições, paráfrases, metáforas e metonímias; em terceiro momento, serão indicados os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos; em quarto lugar, serão levantadas as hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas dos participantes e, por fim, será feita a análise das cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes.

- **INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:** Para o desenvolvimento da pesquisa, será realizada uma entrevista semiestruturada com as seguintes perguntas: "1. Gostaria de saber um pouco mais sobre você. Você poderia se apresentar?; 2. O que você pensa sobre a ênfase atribuída hoje à alimentação saudável e aos corpos musculosos e definidos?; 3. Como você descreveria a relação que você tem com o seu corpo atualmente?; 4. E como é a sua relação com a comida?; 5. Você poderia me falar um pouco sobre o papel dos exercícios físicos na sua vida?; 6. Falamos um pouco sobre a relação que você tem hoje com o seu corpo, com a alimentação e com a atividade física. Como era no passado?; 7. Existe algo que você gostaria que fosse diferente na forma que você lida com a sua imagem e com a comida? Se sim, o que?".

Objetivo da Pesquisa:

A proposta de pesquisa visa a, principalmente, investigar "os modos com que os sujeitos se relacionam com o corpo e com a alimentação na contemporaneidade, buscando compreender as respostas subjetivas que emergem frente ao mal-estar na cultura." Secundariamente, a pesquisa tem os propósitos de: "(i) identificar os discursos hegemônicos sobre o corpo e a alimentação; (ii) verificar os impactos desses discursos na relação dos sujeitos com suas imagens e práticas alimentares; (iii) analisar o modo pelo qual se configuram as respostas dos sujeitos diante do mal-estar contemporâneo."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o item V (Dos Riscos e Benefícios), da Resolução n.º 466, de 2012, todas as pesquisas

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar	
Bairro: Setor Universitário	CEP: 70.790-075
UF: DF	Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511	E-mail: cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.982.231

têm, em graus diferentes, riscos e benefícios em sua realização, que são indicados pelo relator principal nas Informações Básicas do Projeto, como segue:

- RISCOS: Os riscos são descritos pelo relator principal como de grau baixo, inerentes a toda investigação em entrevistas, com a possibilidade de mobilização de afetos e emoções no sujeito.

- BENEFÍCIOS: O pesquisador aponta como benefícios da pesquisa ter uma compreensão mais profunda acerca do mal-estar na cultura contemporânea, sobretudo associado à relação dos sujeitos com o corpo e com a alimentação.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta da pesquisa mostra-se relevante para o conhecimento acerca do impacto na subjetividade de pessoas com relação às suas ideias e imagens sobre saúde física, corporeidade e alimentação saudável na atualidade. Estima-se, porém, que seria preciso uma melhor abordagem dos requisitos para a escolha dos participantes, definindo-se melhor o público (critérios de inclusão e de exclusão).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Feitas as considerações anteriores, passa-se aos critérios relativos aos termos de apresentação obrigatória.

A Folha de Rosto foi devidamente preenchida, possuindo o pesquisador a qualificação exigida para o cadastramento na Plataforma Brasil de projetos de pesquisa, após averiguação de sua qualificação pelo Currículo Lattes (Doutor em Psicologia Clínica e Cultural pela Universidade de Brasília (<http://lattes.cnpq.br/5987952279333424>)).

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado de forma adequada.

Não foi apresentado Termo de Aceite Institucional, inexistente, porém, para a presente pesquisa.

Não foi apresentado Termo de Assentimento, dispensável, contudo, para a presente pesquisa.

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.982.231

Recomendações:

Ao final da pesquisa deverá ser enviado o Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa encontra-se apta para sua produção.

O CEP-UniCEUB ressalta a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto aos incisos XI.1 e XI.2 da Resolução nº 466/12 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

XI.1 - A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais.

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

- c) desenvolver o projeto conforme delineado;
- d) elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- e) apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento;
- f) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa;
- g) encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto; e
- h) justificar fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Observação: O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer homologado na 4ª Reunião Ordinária do CEP-UniCEUB de 2023, em 24 de março.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br



Continuação do Parecer: 5.982.231

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2100346.pdf	11/03/2023 13:26:13		Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11/03/2023 13:25:19	BRUNA KREUTZ AMES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	09/03/2023 18:56:30	BRUNA KREUTZ AMES	Aceito
Outros	RoteiroEntrevista.pdf	09/03/2023 18:52:30	BRUNA KREUTZ AMES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/03/2023 18:48:55	BRUNA KREUTZ AMES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 03 de Abril de 2023

Assinado por:
Marilia de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/907 - Bloco 6, sala 6.205, 2º andar
Bairro: Setor Universitário **CEP:** 70.790-075
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3966-1511 **E-mail:** cep.uniceub@uniceub.br